

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Samira Maria Clemente Caldeira

MENINAS DE SINHÁ:

Os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes

Belo Horizonte

2013

Samira Maria Clemente Caldeira

MENINAS DE SINHÁ:

Os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dra. Maria Ignez Costa Moreira

Belo Horizonte

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

C146m Caldeira, Samira Maria Clemente
Meninas de Sinhá: os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes
/ Samira Maria Clemente Caldeira. Belo Horizonte, 2013.
97f.: il.

Orientadora: Maria Ignez Costa Moreira
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

1. Mulheres - Condições sociais. 2. Grupos sociais. 3. Identidade social. 4.
Existencialismo. 5. Angústia. I. Moreira, Maria Ignez Costa. II. Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em
Psicologia. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 301.151

Samira Maria Clemente Caldeira

MENINAS DE SINHÁ:

Os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Maria Ignez Costa Moreira

José Newton Garcia de Araújo

Jacqueline de Oliveira Moreira

Belo Horizonte, 07 de Junho de 2013.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder esta oportunidade e por iluminar meu caminho, me dando forças para atravessar as tempestades que precisei enfrentar e por me permitir encontrar pessoas incríveis, que muito contribuíram para a realização deste trabalho. Gostaria de agradecer a todas essas pessoas:

À Maria Ignez, Pitucha, minha querida orientadora, pela paciência e pelo carinho com que caminhou comigo durante toda esta trajetória. Obrigada pela compreensão e apoio que sempre encontrei em você para a realização deste trabalho.

À minha mãe (*in memoriam*), meu grande exemplo de vida, por me ensinar a me encantar pela vida e a ter coragem para realizar meus sonhos. Você é sempre a primeira pessoa na qual penso diante de qualquer conquista.

Ao Juliano, companheiro maravilhoso, com quem compartilho meus sonhos. Obrigada por estar sempre ao meu lado, me incentivando a realizar meus projetos. Se não fosse por você, este trabalho não seria possível.

À minha sobrinha, Bruna, pelo interesse que sempre demonstrou por esta dissertação e pela disponibilidade em ajudar. Obrigada por estar do meu lado nos momentos difíceis.

Aos meus irmãos Sandro, Sandraléa e Soraya, por me apoiarem sempre.

Aos meus familiares, em especial minhas Tias Elvira e Cleusa, por estarem sempre na torcida, seja qual for o novo projeto.

Aos professores e colegas do mestrado, pelas várias oportunidades de reflexão e aprendizagem.

À Danielle Teixeira, amizade que quero levar para a vida toda.

Ao professor Marcos Vieira, por sua contribuição no exame de qualificação e por sua disponibilidade em participar da banca de defesa.

Ao professor Giovanetti, por participar da minha banca de qualificação.

Aos professores José Newton e Jacqueline de Oliveira, por participarem da banca de defesa.

E, em especial, agradeço às Meninas de Sinhá, que me receberam com todo carinho e compartilharam suas histórias. Histórias que me encantaram e possibilitaram a construção desta dissertação.

“Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.” Jean Paul Sartre

RESUMO

O objetivo desta dissertação foi o de compreender os sentidos do grupo Meninas de Sinhá na vida de suas integrantes. A metodologia qualitativa guiou esta pesquisa. Foram utilizadas as estratégias da revisão bibliográfica, da observação dos ensaios e de duas apresentações públicas do grupo, e a realização de entrevistas semiestruturadas. As entrevistas foram realizadas com a fundadora do grupo e duas integrantes – uma que está no grupo desde sua formação original e outra que era a integrante mais recente à época da entrevista. Para análise do conteúdo das entrevistas, construímos as seguintes categorias: mito fundador; o grupo como espaço terapêutico; o grupo na história das mulheres e as mulheres na história do grupo; o brincar como estratégia para o enfrentamento da dor; o processo de rememoração; reconhecimento; e nova velhice. Analisamos os processos grupais apoiados pela teoria de grupos de Sartre. A análise da transformação da identidade foi realizada a partir da teoria de Ciampa. Destacamos também o conceito de angústia na visão existencialista. A angústia é considerada nesta dissertação o elemento que mobilizou essas mulheres a se reunirem em busca de novo sentido para vida.

PALAVRAS-CHAVE: Processos grupais. Identidade. Existencialismo. Angústia.

ABSTRACT

The objective of this thesis was to understand the meaning of the group “*Meninas de Sinhá*” in the life of their members. The qualitative methodology guided this research, along with strategies of literature review, observation of rehearsals, public performances, and semi structured interviews. The interviews were conducted with two members of the group. The first one is part of the group since its original formation and the other is a recent entering member right at the time of this interview. The group's founder was also interviewed. To analyze the interviews it was used the analysis of content, being built the following categories: founding myth, the group as a therapeutic environment, the group in the history of women and women in the history of the group. The group plays as a strategy for coping with the pain, the process of remembering, recognition and the new old age. The group processes have been analyzed grounded on Sartre's theory groups. The analysis of the transformation of identity was based on Ciampa's theory. It highlights also the conception of anguish in a existentialist vision. The anguish is considered in this dissertation the main element that mobilized these women to come together in search of a new reason for their lives.

Keywords: Group processes. Identity. Existentialism. Anguish.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
2. GRUPO MENINAS DE SINHÁ.....	15
2.1 Breve História Do Grupo Meninas De Sinhá	15
2.2 Análise Sartreana Do Processo Do Grupo Meninas De Sinhá.....	20
2.3 A dialética dos grupos e o “Grupo Meninas de Sinhá”	22
3. OS SENTIDOS DO GRUPO NA HISTÓRIA SINGULAR.....	36
3.1 Angústia	36
3.2 Processo De Construção De Identidade	43
4. As Meninas de Sinhá na Cena da Pesquisa.....	70
4.1 Contato com o Campo de Pesquisa.....	72
4.2 Observação	72
4.3 . Categorias para Análise dos Dados	75
4.3.1 O Mito fundador do grupo.....	75
4.3.2 O grupo como espaço terapêutico.....	77
4.3.3 O grupo na história das mulheres e as mulheres na história do grupo.....	78
4.3.4 O brincar como estratégia para enfrentamento da dor	79
4.3.5 O processo de rememorar.....	81
4.3.6 Reconhecimento.....	81
4.3.7. Nova velhice.....	81
5. Considerações Finais	83
REFERÊNCIAS.....	86

APÊNDICES	89
ANEXO	97

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, objetivou-se compreender os sentidos do grupo Meninas de Sinhá na história de vida de suas integrantes. Para a realização de tal objetivo, buscou-se investigar o processo de formação do grupo, as transformações ocorridas na vida das integrantes, bem como analisar as interações entre as participantes do grupo.

Meu primeiro contato com o grupo Meninas de Sinhá aconteceu ocasionalmente, quando assisti a uma apresentação de cantigas e danças de roda feita pelo grupo, em 2009. Aproximadamente um ano após esse contato, assisti a um programa na Rede Minas de Televisão, “Brasil das Gerais” (07/07/2010), no qual a apresentadora entrevistava a fundadora do grupo. Mais uma vez me encantei por aquele trabalho e pela história de vida daquela mulher, que havia não só reinventado a própria vida como a de várias mulheres da comunidade onde vive. Nessa ocasião, nasceu o desejo de fazer uma pesquisa com o grupo na ótica da análise existencial, abordando temas que acredito serem pertinentes à realidade do grupo. No processo de realização da pesquisa, novos caminhos e possibilidades, distintos daqueles que havia imaginado no início, foram se desvelando. Entre eles, a possibilidade de estudar os processos grupais e a identidade como metamorfose. Caminhos que possibilitaram também um diálogo com a teoria existencialista, meu ponto de partida.

Para conhecer a história e a dinâmica atual do Grupo Meninas de Sinhá, foram realizadas observações dos ensaios e apresentações, ocasiões nas quais foi possível estabelecer uma conversação com a fundadora, que relatou a história do grupo, bem como as dificuldades de saúde enfrentadas pelas integrantes do mesmo, dificuldades estas que motivaram a própria formação do grupo. Essas mulheres, segundo a fundadora, tinham como ponto em comum o fato de frequentarem o Posto de Saúde do bairro, para tratarem a depressão que sofriam.

Após esse momento inicial, foram realizadas entrevistas com dois membros do grupo, nas quais foram enfocados os seguintes temas: as razões que motivaram a participação no grupo; as transformações subjetivas percebidas por elas após a entrada no grupo; e as dificuldades enfrentadas em suas trajetórias de vida, bem como as relações estabelecidas com as demais integrantes.

O grupo Meninas de Sinhá já foi objeto de pesquisa de diferentes pesquisadores. Durante o levantamento bibliográfico realizado para a elaboração da presente dissertação, tivemos acesso à dissertação de mestrado de Thaís Nogueira Gil, intitulada “Meninas de Sinhá – A reinvenção da vida nas tramas do discurso musical” (2007), que reconstituiu a história do grupo, tendo como objetivo identificar, descrever e analisar as tramas do discurso musical do grupo. Adriana Dias Gomide (2006), em sua dissertação de mestrado “Território e trabalho como possibilidade de enraizamento: a história de Valdete do Alto Vera Cruz” relata a história de Valdete Cordeiro, líder comunitária do Alto Vera Cruz e também fundadora do grupo Meninas de Sinhá.

Outro trabalho realizado com o grupo foi o livro “Histórias de Meninas – Meninas de Sinhá”, que traz a história das integrantes do grupo. Nascido do desejo das integrantes de relatar e registrar suas histórias a um grupo de pesquisadores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, entre agosto de 2007 e dezembro de 2009, o livro aborda o processo de constituição do grupo, além de trazer os relatos de suas integrantes, que contam suas trajetórias pessoais e memórias de infância. Esse trabalho veio ao encontro do desejo das integrantes do grupo de eternizar suas histórias, para que pudessem compartilhar com seus filhos, netos e bisnetos.

O conjunto destas pesquisas revela a importância do Grupo Meninas de Sinhá do ponto de vista social e comunitário como espaço de afirmação da cultura popular. Do ponto de vista subjetivo, ressalta a importância da atividade do grupo na reorganização emocional das mulheres que o compõem. A presente dissertação pretende se filiar a esse conjunto de estudos, ressaltando as relações entre o processo grupal e o processo de construção da identidade psicossocial de suas integrantes.

Buscando conhecer a trajetória pessoal das integrantes do grupo Meninas de Sinhá, realizamos três entrevistas – com a fundadora do grupo e duas integrantes. O critério utilizado para a escolha das participantes foi o tempo de participação no grupo. Desse modo, foi convidada uma integrante que está no grupo desde a sua formação e outra que havia chegado ao grupo recentemente.

A primeira entrevista foi realizada com a integrante que está no grupo há mais tempo. Houve a participação de sua irmã, que se integrou espontaneamente à cena da entrevista e acabou contribuindo com alguns depoimentos. A entrevista foi

realizada em dois encontros e seguiram o modelo de uma entrevista aberta, possibilitando que ela contasse sua trajetória de vida e como o grupo Meninas de Sinhá entrou em sua história.

A segunda entrevista foi realizada com a integrante mais recente do grupo. Nesse caso, a dinâmica da entrevista foi diferente da primeira e conduzida no modelo de uma entrevista semiestruturada, com a apresentação de temas em torno dos quais a conversação se desenvolveu.

As entrevistas foram analisadas na perspectiva da análise qualitativa de conteúdo, definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p.31). A partir da análise das narrativas das entrevistadas, foram elaboradas as seguintes categorias: mito fundador; o grupo como espaço terapêutico; o grupo na história das mulheres e as mulheres na história do grupo; o brincar como estratégia para o enfrentamento da dor; o processo de rememoração; reconhecimento; e nova velhice.

Para observar a interação grupal, assistimos a alguns ensaios do grupo Meninas de Sinhá realizados no centro comunitário do bairro onde moram, a alguns encontros que acontecem em uma praça pública do próprio bairro (onde elas fazem expressão corporal) e a duas apresentações públicas do grupo, sendo uma delas realizada no Parque Municipal de Belo Horizonte, destinada aos adolescentes de uma escola municipal, e outra em comemoração ao aniversário da Escola Municipal Professor José Braz. Todos os encontros realizados durante a pesquisa foram registrados através de fotografias, sendo algumas apresentadas em apêndice nesta dissertação.

A análise do processo grupal foi realizada a partir da teoria de Sartre (2002) sobre grupos, utilizando-se os conceitos de série e serialidade, bem como da superação da serialidade possibilitada pela constituição do grupo. Destacamos alguns conceitos apresentados por Sartre no decorrer do processo de formação dos grupos.

O conceito de identidade elaborado por Ciampa (2007) foi tomado como guia teórico para a compreensão do processo de transformação identitária vivido pelas integrantes do Grupo Menina de Sinhá.

Considerando-se as vivências da depressão e do tratamento psicoterápico e psicofármaco destas mulheres, buscou-se o conceito de angústia no existencialismo para compreender os sentidos da manifestação artística e da participação no grupo

no processo de transformação da trajetória dessas mulheres, que acabaram vencendo a depressão.

Por meio da pesquisa bibliográfica, buscou-se também sistematizar diversas produções, na forma de dissertação e teses, que tiveram como objeto central o Grupo Meninas de Sinhá.

Esta dissertação foi organizada em quatro capítulos, incluindo esta introdução. O segundo capítulo, “O grupo Meninas de Sinhá”, traz uma breve história do grupo Meninas de Sinhá, no qual se destaca o seu processo de constituição, os fatores que mobilizaram a sua formação, as mudanças que aconteceram no decorrer do tempo e sua atual estrutura. Nesse capítulo, analisamos as interações entre os membros do grupo na atualidade, além de buscar as possíveis relações entre a participação no grupo e as mudanças na vida de suas integrantes. Abordamos também a teoria dos processos grupais na ótica de Sartre (2002), buscando um paralelo entre os conceitos do autor e a realidade do grupo. Os temas tratados por Sartre foram ilustrados com relatos do cotidiano das integrantes do grupo “Meninas de Sinhá”, coletados nas entrevistas.

O terceiro capítulo, “Sentidos do Grupo na história singular”, traz uma discussão sobre o conceito de angústia a partir da visão existencialista, que é considerado neste trabalho elemento mobilizador para a formação do grupo. Discutiremos também o conceito de Identidade como metamorfose, conforme proposto por Ciampa (2007). No decorrer do capítulo, destacamos relatos das entrevistadas, que nos mostram as transformações ocorridas a partir da participação no grupo Meninas de Sinhá, buscando ilustrar a teoria com narrativas do cotidiano dessas mulheres.

No quarto capítulo, “As Meninas de Sinhá na Cena da Pesquisa”, descrevemos o campo de pesquisa e as estratégias metodológicas para a coleta de dados, que foram: a observação e o registro fotográfico de algumas situações observadas, especialmente nos ensaios; a realização de entrevistas, que enfocaram a história do grupo e a história de duas integrantes no Grupo. As narrativas obtidas foram analisadas na perspectiva da análise do discurso.

O quinto e último capítulo apresenta as considerações finais, em que ressaltamos as transformações na vida das integrantes possibilitadas pelo grupo, ou seja, pelo encontro. Destacamos também os desafios que o grupo enfrenta com a crescente profissionalização.

Espera-se que esta dissertação contribua com os pesquisadores que se dedicam ao estudo da teoria existencialista, bem como dos processos grupais e de construção de identidade. A análise de uma experiência prática – do Grupo Meninas de Sinhá – é um exercício de articulação entre a teoria e a prática, que ao mesmo tempo ilumina a prática e fecunda a teoria, possibilitando novas formas de pensar os grupos e as estratégias de intervenção psicossocial.

Esta dissertação filia-se ao conjunto de estudos já realizados sobre o Grupo Meninas de Sinhá, pretendendo contribuir para a sistematização e reflexão desta experiência comunitária de resgate da memória, das práticas lúdicas e de arte popular, tão fundamentais na promoção da saúde e do exercício da cidadania dessas mulheres que compõem o Grupo Meninas de Sinhá.

2. GRUPO MENINAS DE SINHÁ

Ao iniciar o trabalho de campo desta pesquisa, procurei pela fundadora do grupo, em junho de 2012, ocasião em que ela me relatou a história do grupo Meninas de Sinhá. A sistematização desse relato tem a intenção de oferecer ao leitor informações sobre o Grupo Meninas de Sinhá, objeto desta dissertação, que será examinado a seguir, a partir da ótica dos processos grupais proposta por Sartre.

2.1 Breve História Do Grupo Meninas De Sinhá

O grupo Meninas de Sinhá é composto por 32 mulheres, com idade entre 46 e 92 anos, moradoras do aglomerado Alto Vera Cruz. Elas iniciaram os encontros em 1996, movidas pelo desejo de compartilhar preocupações e problemas da vida cotidiana, além de fazer trabalhos manuais, como tricô, crochê e bordados.

Como passava em frente ao posto de saúde do bairro no seu trajeto para o trabalho, a fundadora do grupo acompanhava a rotina de várias mulheres que buscavam atendimento psicológico e psiquiátrico, e observava que saíam do posto com *“sacolas cheias de medicamento”* (sic). Essa situação lhe incomodava. Ela então abordou aquelas mulheres, fazendo a proposta de uma reunião, para que pudessem trocar suas experiências pessoais. Segundo ela, não foi uma abordagem fácil, pois havia certa resistência por parte daquelas mulheres, que alegavam não ter tempo para *“bate-papo”* (sic), pois tinham inúmeras ocupações em casa. Acreditando que os encontros poderiam melhorar a condição de vida dessas mulheres e sua autoestima, a fundadora relata que foi insistente, pois acreditava que elas precisavam, na realidade, mais do que dos remédios, de um tempo para si próprias, pois a maioria dedicava-se exclusivamente a cuidar da casa e da família.

Vencida a resistência, ao iniciarem os encontros, as mulheres foram relatando suas vivências pessoais e descobrindo que suas trajetórias eram marcadas por problemas e dificuldades semelhantes. Segundo a fundadora, ao ouvirem as histórias umas das outras, elas chegavam a afirmar *“Nossa, tadinha, sua vida é muito pior que a minha”* (sic). A idealizadora do grupo iniciou os encontros com a

ideia de que, compartilhando seus sofrimentos, elas poderiam encontrar histórias parecidas ou mais difíceis que as suas.

No início, o grupo servia como oportunidade para desabafar e aprender trabalhos manuais. Elas aprendiam bordado, tricô, crochê, trocavam os conhecimentos umas com as outras. Chegaram a comercializar os produtos que produziam. A proposta inicial não teve, no entanto, eficácia para ajudá-las a combater a depressão e abandonar a medicação. Talvez esses trabalhos fossem vistos como mais uma atividade dentre as inúmeras que já possuíam, experimentadas como algo maçante e repetitivo, do que como uma oportunidade de expressarem sua criatividade e de vivenciarem novas experiências. Podemos pensar o trabalho manual, nesse contexto, como alienante e repetitivo, em que elas não se encontravam nem se reconheciam. A fundadora sentia que estava tirando as mulheres de casa para continuar trabalhando.

Acreditando que o problema das mulheres era mais emocional que físico, a fundadora chegou a dizer para as integrantes do grupo que tinha lido em um livro que colocar uma folha de alface debaixo do travesseiro ajudava a dormir melhor. *“No dia seguinte, elas chegaram dizendo que a folha de alface tinha funcionado e que tinham conseguido dormir sem a ajuda do medicamento”*(sic). Segundo ela, atualmente as integrantes vão ao médico apenas para controle da pressão arterial, colesterol e exames de rotina. Já não procuram mais o posto para atendimento psiquiátrico e psicológico.

Para Lane (1985), quando as pessoas se reúnem em um grupo para discutirem seus problemas, percebem que muitas vezes eles são experimentados como exclusivos ou individuais, mas, ao escutarem os companheiros do grupo, descobrem que existem muitos aspectos comuns, decorrentes da condição de vida, do contexto sócio-histórico em que todos vivem. Essa descoberta é um passo importante para a produção do vínculo grupal, para a motivação dos membros, para que se organizem, a fim de enfrentar e superar os problemas relatados. Um grupo não é a soma de indivíduos; ele é formado pela interação e interdependência de seus membros, e, nesse sentido, as necessidades individuais postas em comum podem promover um sentimento de cooperação mútua. A motivação da fundadora do Grupo era a criação de um espaço para que as mulheres pudessem valorizar-se, melhorar a própria autoestima, superar a depressão e a insônia e não dependerem mais de medicação.

Segundo Lane (1985), há todo um processo de aprendizagem das pessoas envolvidas numa experiência comunitária. A interação grupal possibilita a cada um de seus membros se descobrirem diferentes e únicos, e, ao mesmo tempo, igual a todos os outros em direitos e deveres. O grupo possibilita a cooperação e divisão de tarefas e responsabilidades frente aos objetivos dos integrantes. O grupo é um processo que se desenvolve através de práticas e reflexões sucessivas. Não há receitas, nem técnicas pré-definidas. Cada grupo cria seu próprio processo, em função das condições reais de vida e das características peculiares dos indivíduos envolvidos.

Galvão, entre outros (2010), apresenta o perfil das integrantes do Grupo Meninas de Sinhá. Por meio do seu relato, podemos notar que a história de vida de cada uma dessas mulheres possui muitas semelhanças entre si. Segundo a autora, são histórias de meninas pobres, que nasceram e cresceram na “roça”, que não tiveram infância, no sentido de serem incluídas no trabalho precocemente e proibidas de frequentar a escola primária. As “Meninas de Sinhá” relataram à pesquisadora que seus pais acreditavam que, se elas fossem alfabetizadas, escreveriam cartas para os seus namorados e se desvirtuariam. Meninas oriundas de famílias grandes ou que foram entregues à adoção para serem criadas por famílias ricas, em troca da prestação de serviços domésticos. Casaram-se jovens, viveram sucessivas perdas, algumas sofreram e ainda sofrem violência doméstica por parte dos maridos e dos filhos, muitos deles alcoólatras ou usuários de drogas ilícitas. Muitas delas cuidam de netos e bisnetos e ainda sustentam a casa com a renda oriunda de sua aposentadoria. As “Meninas de Sinhá” são negras que, em sua maioria, sofreram preconceito racial em algum momento da vida.

Para Cordeiro e Gomide (2007), as atividades desempenhadas no grupo possibilitaram as integrantes o desenvolvimento da autoestima através de um trabalho lúdico, que permitiu que os medicamentos fossem aos poucos abandonados. “Metaforicamente, pode-se dizer que essas mulheres rendeiras ampliaram suas atividades e aprenderam a se enamorar. Por meio das atividades do grupo, elas ganharam nova identidade.” (CORDEIRO; GOMIDE, 2007, p.227). As integrantes aprendem a enamorar-se de si mesmas e, nesse processo, produzem uma nova identidade.

Em sua constituição, o grupo passou por algumas fases até chegar a atual estrutura. Decepcionada com a ineficácia dos trabalhos manuais para auxiliá-las a

abandonar os medicamentos, a fundadora do grupo viu, em uma apresentação de expressão corporal realizada no Projeto Ação Social – PBH, no bairro onde morava, aquilo que realmente desejava para seu grupo, acreditando ser esta atividade corporal o que possibilitaria alcançar seus objetivos em relação à melhoria da condição de vida daquelas mulheres.

Com a ajuda da educadora física responsável pela atividade de expressão corporal no projeto da Ação Social, cedida ao grupo pela Prefeitura, o grupo começou a realizar oficinas de expressão corporal. Os exercícios eram adequados aos idosos, e era, na concepção da fundadora do grupo, a atividade que faltava para que o mesmo pudesse de fato se constituir e se fortalecer. Nessa fase, começaram a surgir as brincadeiras e o resgate das cantigas de roda, elementos que todas tinham muito presentes em suas memórias de infância. Às sextas-feiras, quando acontecia a atividade de expressão corporal, as integrantes sempre sugeriam algumas brincadeiras. Relembavam a infância brincando de “rouba bandeira”, “passa anel”, “coelhinho na toca”. Junto com as brincadeiras, surgiam também as cantigas de roda. A partir desse momento, as cantigas passaram a fazer parte da identidade do grupo, o que levou ao reconhecimento da sociedade de forma geral e da comunidade onde vivem, bem como o auxiliou a ganhar visibilidade na mídia. Podemos pensar no grupo Meninas de Sinhá como o espaço que possibilitou às suas integrantes se fazerem ouvidas, não só dentro do grupo, mas também fora dele, conquistando um reconhecimento que antes não tinham.

Junto com as brincadeiras, elas foram aos poucos resgatando as cantigas de roda. Organizaram um trabalho de pesquisa para registrarem as cantigas. Localizaram outros moradores do bairro, mais velhos do que elas, para gravarem as músicas cantadas na época da infância dessas pessoas. Semanalmente, elas se reuniam para lembrar e registrar as cantigas. Nessa ocasião, receberam a ajuda de um morador da comunidade, que se prontificou a gravar todas as cantigas para que, posteriormente, pudessem criar uma apostila com as letras das músicas. Essa tarefa, que executaram em conjunto, motivou-as a continuar buscando aprender sempre coisas novas.

Com o aumento das apresentações em eventos públicos, nasceu o desejo de aprenderem a tocar algum instrumento. A fundadora do grupo recebeu doações em dinheiro para que pudesse comprar instrumentos musicais, bem como a ajuda de uma professora de música para lhes ensinar a tocar os instrumentos. Elas foram

convidadas a gravar um CD juntamente com um grupo de *Rap* do bairro. Apesar de não estarem muito seguras de que aquela parceria daria certo, elas aceitaram o desafio. Após a gravação desse primeiro CD, nasceu o desejo de gravarem o próprio CD, e atualmente têm um projeto para gravar um DVD.

O grupo Meninas de Sinhá tem recebido vários convites para se apresentar em muitas cidades brasileiras e, recentemente, foi convidado a se apresentar no Festival Brave em Wrocław, na Polônia (2012). O festival congregou grupos de mulheres de várias partes do mundo. Araújo (2011) lembra que o sujeito só se revela a si mesmo, na sua dimensão humana. Ele só se constitui através do próprio trabalho e do olhar do outro que o constitui, que o reconhece. Nesse sentido, as apresentações são momentos em que as mulheres que compõem o grupo são reconhecidas e se reconhecem a si mesmas em uma nova posição, a posição de artistas populares.

O grupo já se apresentou com cantores de grande projeção no Brasil, tais como Daniela Mercury, Jair Rodrigues, Carlinhos Brown. O grupo recebeu o Prêmio Talentos da Maturidade do Banco Real. Além disso, o grupo já participou de dois filmes: “Vida de Menina”, dirigido por Helena Solberg (2004) e “Uma onda no ar”, dirigido por Helvécio Ratton (2002). A experiência de gravação do primeiro CD foi positiva e depois dela o grupo já gravou outros dois CDs.

A fundadora do Grupo Meninas de Sinhá relata que tem a preocupação de não apenas manter o grupo, mas também de expandir a proposta. Nesse sentido, sempre que viaja para outras cidades, ou mesmo em apresentações em outras comunidades de Belo Horizonte, busca incentivar a formação de novos grupos para que outras mulheres possam desfrutar dos benefícios que o Grupo tem proporcionado hoje às moradoras do Alto Vera Cruz. Em viagens ao Vale do Jequitinhonha (MG), ela buscou apoio da Prefeitura para conseguir instrumentos musicais, para iniciar um grupo no local e deixar alguém responsável por coordená-lo.

Na própria comunidade, Alto Vera Cruz, foi criado o grupo “Netinhas de Sinhá”, formado pelas netas das integrantes do grupo “Meninas de Sinhá”, que iniciou uma trajetória inspirada pelo exemplo das avós. A fundadora relatou, ainda, o desejo do grupo de possuir um espaço físico próprio, onde possa atender mulheres de outras faixas etárias, que, segundo ela, também poderiam se beneficiar de atividades como a dança e o canto. Além disso, esse espaço serviria como um local

onde as integrantes do grupo tivessem livre acesso. O espaço que atualmente utilizam para os ensaios do grupo é cedido pelo Centro Comunitário do bairro, espaço que também é utilizado por outros moradores, o que inviabiliza a flexibilidade dos horários. A fundadora do grupo relata que frequentemente é abordada por mulheres da comunidade, jovens interessadas em participar do grupo. Chegam a perguntar “*vai ser preciso eu fazer sessenta anos para entrar no grupo?*” (sic).

A pergunta dessa jovem mostra o reconhecimento do grupo na própria comunidade e nos leva a pensar quais seriam os processos de manutenção e renovação do grupo.

2.2 Análise Sartreana Do Processo Do Grupo Meninas De Sinhá

A partir das proposições de Sartre sobre processos grupais, analisaremos a experiência particular do Grupo Meninas de Sinhá. Apresentamos a articulação que Sartre propôs entre o existencialismo e o marxismo. Em “Crítica da Razão Dialética”, Sartre (2002) procura conciliar Marxismo e Existencialismo, acreditando que uma teoria vem complementar a outra.

[...] o existencialismo sartreano apareceu, não como uma negação do marxismo, mas como uma ideologia necessária ao marxismo: sem pleno entendimento da consciência e da liberdade humanas, o marxismo não poderá evoluir nem reconhecer a que tipo de Ser deve servir. (PERDIGÃO,1995,p.23)

Sartre (2002) acreditava que a teoria marxista era a filosofia da atualidade, e permaneceria nessa posição enquanto não fossem superadas as condições sociais vigentes, que contribuíram para sua construção. Nessa concepção, o marxismo aparece como “a insuperável filosofia de nosso tempo” (SARTRE, 2002, p.14). Mesmo reconhecendo a importância do marxismo, o existencialismo poderia, na sua visão, contribuir, preenchendo algumas lacunas deixadas pelo marxismo. Na tentativa de conciliar as duas doutrinas, Sartre funda um neomarxismo.

Sartre empreenderá uma tentativa de conciliar o marxismo e o existencialismo, buscando uma “terceira via entre o materialismo e o idealismo” (SARTRE, 2002, p.30). Segundo Sartre (2002), tanto o existencialismo, através de Kierkegaard, quanto o marxismo nasceram numa tentativa de crítica às ideias de Hegel.

Enquanto Hegel defendia uma primazia do saber, ou seja, um “idealismo absoluto”, Kierkegaard afirmava a importância da experiência vivida e Marx defendia a importância do contexto histórico, assinalando “a prioridade da ação (trabalho e práxis social) sobre o *Saber*” (SARTRE, 2002,p.26). Os intelectuais burgueses estavam “convencidos ao mesmo tempo de que o materialismo histórico fornecia a única interpretação válida da História e de que o existencialismo permanecia a única abordagem concreta da realidade” (SARTRE, 2002, p.30).

Sartre acreditava que o existencialismo contribuiria com o marxismo ao auxiliá-lo a passar do geral ao singular. “Sartre existencializou o marxismo, no sentido de que seu existencialismo foi um complemento à doutrina de Marx, adicionando-lhe mais profunda compreensão ontológica da realidade humana” (PERDIGÃO, 1995, p.176).

Segundo Perdigão (1995), enquanto o existencialismo se voltava para a singularidade dos sujeitos, o marxismo criou um sistema “objetivo generalizante que tudo reduz a conceitos abstratos, usando uma única interpretação que serve para qualquer coisa e todos” (PERDIGÃO, 1995 p.177). O existencialismo contribuiria com o marxismo ao fornecer ferramentas para passar do coletivo ao singular.

A filosofia de Sartre não é idealista, nem materialista, mas ambas as coisas: abarca tanto a realidade objetiva dada (o reino do materialismo que se debruça sobre objetividades já consolidadas, logo, já puro passado) quanto a realidade objetiva a alcançar pelo projeto humano (o reino do idealismo, que se consagra ao mundo das ideias ainda não concretizadas, logo, ainda puro futuro). (PERDIGÃO, 1995,p.178)

A conciliação entre o objetivo e o subjetivo era, segundo Perdigão (1995), algo inimaginável. No entanto, foi justamente este o caminho trilhado por Sartre.

2.3 A dialética dos grupos e o “Grupo Meninas de Sinhá”

A escolha pela teoria sartreana dos grupos se justifica por considerarmos o grupo como processo, e não como um produto. Nesse sentido, o grupo está sempre em movimento, em constante construção.

O grupo, a organização será uma totalização em processo, que jamais é totalização realizada. A dialética dos grupos exclui a ideia da maturidade dos grupos [...]. A dialética será, portanto, para nós, o movimento sempre inacabado dos grupos. (LAPASSADE, 1977, p.227)

Segundo Giles (1989), há uma tentativa na proposta de Sartre sobre os grupos de conciliar o marxismo, que explica o sujeito inserido em condições sócio-históricas, com o existencialismo, que prioriza a experiência vivida pelos indivíduos. Sartre retomará a ideia da dialética, no entanto, sua dialética passará a ser vivida pelo indivíduo.

Sartre (2002) procura, no início de sua teoria, fazer a distinção entre grupo e agrupamento. O agrupamento tomado como uma série tem a potencialidade de se transformar em grupo. A série não é um grupo, mas pode vir a se tornar um grupo, e, por outro lado, o grupo vive o risco de tornar-se série. A relação entre série e grupo é pensada, dessa forma, no quadro da lógica dialética, ou seja, a série nega o grupo e o grupo nega série. A fim de exemplificar a série, Sartre traz o exemplo da fila de ônibus, em que as pessoas se agrupam por uma causa externa: a espera do ônibus. “Tal fila não passa de um pluralismo de solidões” (GILES, 1989, p.309). Apesar de possuírem um objetivo comum, não há, neste contexto, uma consideração entre as pessoas. Cada qual possui um motivo particular para pegar o ônibus. Neste sentido, pegar o ônibus é um objetivo individual, e não coletivo. Segundo Lapassade (1977), o conceito de série é importante para indicar todo agrupamento humano que não possui uma unidade interna, visto como uma massificação.

No processo de formação do grupo Meninas de Sinhá, podemos trazer, como exemplo de série, o momento no qual as mulheres, atuais integrantes do grupo, frequentavam o posto de saúde do bairro, aguardavam ser chamadas, em uma fila ou numa sala de espera, para uma consulta médica. Não havia nesse momento uma mobilização coletiva, ou seja, uma unidade interna. Elas se encontravam no posto

de saúde, mobilizadas individualmente por questões de saúde. Embora as questões fossem parecidas, não havia ainda uma mobilização conjunta. O que verdadeiramente importava para cada uma delas, naquele momento, era receber atendimento médico e a medicação prescrita. Neste contexto, podemos visualizar o processo denominado de série por Sartre. Nos postos de saúde, as pessoas, à espera de atendimento médico, são organizadas por senha que recebem ao chegar ao local. A senha indica a ordem de atendimento que será seguida pelos funcionários. Cada paciente na espera é apenas um número.

No entanto, no contexto da “sala de espera”, muitas vezes ocorre a “troca de ideias” sobre as condições particulares que levaram cada uma daquelas pessoas a buscar atendimento médico. Este compartilhamento das queixas ainda não é suficiente para a formação do grupo, pois muitas vezes é algo superficial, sendo apenas “jogar conversa fora”. Todavia, esse momento guarda a potencialidade para a formação do grupo, que pode, ou não, realizar-se.

Para Sartre (2002), é fundamental para a formação do grupo o advento de uma necessidade ou de um perigo que atinja a todos. No caso do Posto de Saúde, vamos imaginar que os médicos estejam ausentes ou que os remédios tenham acabado. A necessidade do atendimento médico e dos remédios poderá ser um elemento que contribua para que a série se transforme em um grupo organizado que vá reivindicar a consulta médica e os remédios.

Outra possibilidade para a transformação da série em grupo é a possibilidade de conscientização das dificuldades e necessidades comuns. No caso do Grupo Meninas de Sinhá é interessante constatar que o elemento que possibilitou a conexão entre os diversos componentes da série não foi interno ao Posto, mas um elemento externo, que observava de fora a movimentação das mulheres no Posto de Saúde e que percebeu e nomeou a necessidade comum.

O grupo se forma numa tentativa de superar a série. Para Lapassade (1977), apoiando-se em Sartre, o grupo seria o inverso da série. Para manter a própria existência, o grupo trava uma batalha constante para evitar o retorno à condição que lhe deu origem, a série. O conflito entre a serialização e a totalização aparece como o motor da dialética do grupo.

Segundo Sartre (2002), o grupo se constitui a partir de uma necessidade ou de um perigo compartilhados por todos. Em torno desses motivos iniciais é que o grupo produzirá um objetivo comum que levará a uma práxis coletiva. No entanto;

nem a necessidade, nem a práxis, nem o objetivo comum poderão constituir um grupo se este não se fizer grupo, ou seja, não produzir um laço entre os seus membros, experimentando a necessidade individual como de todos e projetando-se na unificação interna, que levará a uma integração em direção a objetivos que serão do grupo.

No grupo Meninas de Sinhá, podemos destacar o sofrimento psíquico por que passavam as integrantes do grupo como esse perigo comum destacado por Sartre. Sofrimento que possibilitou a mobilização das integrantes em busca da superação dessa condição. Para Giles (1989), a escassez pode, a princípio, parecer negativa. No entanto, é positiva na medida em que impulsiona o indivíduo a superá-la, a fim de manter a própria existência.

Segundo Bettoni (2002), apoiado em Sartre, o grupo surgiria de uma tentativa de superar a vida serial. O grupo seria uma negação, no sentido dialético de transformação, série – soma de indivíduos – em coletivo. O coletivo se instaura na luta comum pela superação da situação de necessidade ou de perigo. A forma mais básica do grupo seria o grupo-fusão: que nasce numa realidade material dada, como um bairro, e como uma reação a uma ameaça comum.

No contexto do bairro em que moram, o aglomerado Alto Vera Cruz, e frequentando o mesmo Posto de Saúde da Comunidade, podemos considerar que as integrantes do grupo Meninas de Sinhá se reuniram para vencer ameaças comuns experimentadas, como a depressão, angústia e falta de sentido para a vida. “O ajuntamento tem por objeto superar esse mal-estar, realizando praticamente uma integração de cada um pela práxis.” (SARTRE, 2002, p.470).

O fato de estar se constituindo como grupo não afasta a possibilidade de retorno à série. Para Sartre (2002), nesta fase de constituição do grupo, não há distinção entre o grupo em vias de constituição e a série em dissolução.

A foto abaixo mostra as integrantes do Grupo Meninas de Sinhá aguardando o começo de um ensaio. Estão em série, não se comunicam, esperam que a “líder” instituída as convide para iniciar a atividade.

Figura 1 – Integrantes do grupo antes do ensaio



Fonte: Arquivo Pessoal

Destacamos, na foto a seguir, o grupo em atividade. As integrantes, já caracterizadas com o figurino que utilizam nas apresentações, interagem brincando de roda.

Figura 2 – Integrantes em apresentação no Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal

Desde sua constituição, o grupo Meninas de Sinhá vem se renovando constantemente. Ao longo do tempo, o grupo foi desenvolvendo novos trabalhos, como cantar e dançar nas apresentações. Aprenderam a tocar instrumentos, passaram a compor músicas para o repertório do grupo, cujas letras trazem um pouco da história de vida das participantes e das experiências do grupo.

O grupo tem projetos de futuro, como já descritos, planejam adquirir uma sede própria onde possam ampliar o trabalho para incluir outras mulheres, de diversas faixas etárias. Para isso, estão economizando os recursos que conseguem com prêmios, apresentações e venda de CDs. Segundo Sartre (2002), a práxis do grupo consiste em se reorganizar constantemente, interiorizar sua totalização objetiva pelas coisas produzidas e pelos resultados alcançados, transformando isso em novas diferenciações e estruturas, movendo-se em busca de novos objetivos. “Práxis é trabalho; e o trabalho é o esforço para satisfazer nossas necessidades mediante projetos formados em nosso mundo, que é essencialmente um mundo de escassez.” (GILES, 1989, p. 307).

Segundo Bettoni (2002), uma vez alcançado o objetivo comum, o grupo se dispersa e os membros voltam a sentir-se em práxis individual. Para manter-se, o grupo precisa buscar novos desafios. Neste sentido, os projetos de futuro indicam o movimento do Grupo Meninas de Sinhá em direção à renovação de suas atividades e, ao mesmo tempo, os esforços pela manutenção do grupo.

Para que os integrantes do grupo não retornem às praticas individuais, o grupo se constituirá em novas formas, entre elas o grupo juramento. Segundo Sartre (2002), o juramento proporciona o nascimento do individuo comum. “Quando a liberdade faz-se práxis comum para servir de fundamento à permanência do grupo, produzindo por si mesma e na reciprocidade mediada sua própria inércia, este novo estatuto chama-se juramento.” (SARTRE, 2002, p. 514). O juramento aparece como forma de proteger o grupo de retornar a serialidade, ou seja, dissolver-se.

Para Lapassade (1977), é a partir da organização do grupo fundamentada no juramento que se pode falar de grupos. Antes do juramento há apenas fusão na serialidade. “O elemento novo aqui é que o grupo se trabalha” (LAPASSADE, 1977, p. 236).

O objetivo inicial de retirar as mulheres da posição de pacientes do Posto de Saúde e de seus afazeres domésticos, sempre voltados para a satisfação do outro, para que pudessem dedicar-se também a si mesmas, além de compartilharem suas

experiências pessoais entre pares, acabou se transformando em um trabalho criativo e experimentado por elas como algo estimulante. As Meninas de Sinhá tornaram-se um grupo profissional de arte popular, reconhecido nacional e internacionalmente.

No processo de constituição, o primeiro nome dado ao grupo – Lar Feliz – foi rejeitado pelas participantes. Esse dado é bastante significativo na história de constituição do grupo. Segundo a fundadora, aquele nome não representava o grupo como elas gostariam. Não queriam carregar o “Lar” no nome do grupo, já que o momento em que se reuniam era uma oportunidade de estarem fora do lar. Além disso, o lar da realidade dessas mulheres não tinha nada de feliz. Muitas conviviam com problemas familiares, tais como alcoolismo dos companheiros e dos filhos, violência doméstica, uso de drogas ilícitas pelos filhos e netos, doenças, entre outros tantos sofrimentos. Desejavam um nome com o qual o grupo se identificasse melhor.

A mudança do nome foi tarefa grupal. Segundo a fundadora, foi realizada uma pesquisa coletivamente. Descobriram na história do bairro que havia um grupo de maculêlê chamado “Meninos de Sinhá”. Elas simpatizaram com o nome e passaram a utilizá-lo como homenagem aos seus antepassados, os escravos, que se referiam às suas donas como “sinhas”. No entanto, buscando resgatar a própria autonomia, elas declararam que a *“nossa Sinhá é a vida, nós servimos a vida, por aí a cantar e levar alegria pro povo. A gente inverteu esse papel do lado triste para o lado alegre”* (Madalena). De mulheres que se nomeavam como deprimidas e tristes elas passaram a se nomear como mulheres *“assanhadas”* (Madalena).

Esse momento demonstra um passo importante na construção da identidade do grupo. As mulheres já não se reconheciam como doentes que frequentam o posto de saúde, nem idosas que se encontravam para tricotar num grupo chamado “Lar Feliz”, muito menos *“Amélia”* (Madalena) *“[...] a gente era dominadas e escravizadas e tudo e hoje em dia a gente é dona de si.”* (Madalena). Tornam-se “Meninas de Sinhá”. Senhoras meninas, que encontram no grupo e em conjunto com outras integrantes a alegria de viver. Tornam-se donas do próprio destino, tendo como missão levar alegria para outras pessoas.

Este momento do grupo ilustra o que Sartre (2002) considera como a fase denominada juramento. O juramento seria mais uma tentativa do grupo de evitar o retorno à serialidade. “O grupo procura transformar-se em sua própria ferramenta contra a serialidade que ameaça dissolvê-lo” (SARTRE, 2002, p.516).

Segundo Sartre (2002), todos os membros do grupo devem participar do juramento. O juramento torna-se uma forma de proteger o grupo. O grupo passará por transformações, no entanto, manterá o compromisso de não se desviar dos objetivos que serviram como meio de se unirem. A partir do juramento, o grupo presencia o nascimento de um indivíduo comum. “O juramento é o poder de cada um sobre todos e de todos sobre cada um: ele me garante contra minha própria liberdade e ele institui o meu controle sobre a liberdade do Outro” (LAPASSADE, 1977, p. 236). Os membros do grupo passam a ter o “direito” de controlarem uns aos outros em nome do bem comum do grupo. Para Giles (1989), o que surge a partir do juramento é uma ligação entre os membros a partir do medo.

As Meninas de Sinhá, após assumirem esse nome, receberam um convite da comunidade para apresentarem-se na inauguração do Centro Comunitário do Bairro. Empolgadas com o convite, demonstraram o desejo de produzir uma roupa para o grupo. Como não possuíam recursos para isso, contaram com a ajuda de uma pessoa que conseguiu a doação dos tecidos e de um figurinista. Após assistir a alguns ensaios e conhecer um pouco da história do grupo, o figurinista desenhou o que seria o primeiro uniforme das meninas, modelo que foi produzido por algumas integrantes que sabiam costurar.

O uso dos uniformes pode ser interpretado, à luz de Sartre (2002), como uma demonstração de orgulho por fazer parte do grupo. O desejo de se uniformizarem denota uma vontade de serem vistas como membros daquele grupo. Segundo a fundadora do grupo, elas queriam vestir algo que as destacasse das demais pessoas, queriam fugir das vestimentas comuns do dia a dia. “[...] o ser-de-grupo é vivido por cada um como natureza: ele está orgulhoso de ser isso, torna-se o significado material dos uniformes do grupo (se os houver)” (SARTRE, 2002, p. 531). Através dos uniformes são reconhecidas como integrantes do grupo, e se sentem orgulhosas por isso.

O grupo constituído é produzido em cada um por cada um como seu próprio nascimento de indivíduo comum e, ao mesmo tempo, cada um apreende na fraternidade seu próprio nascimento de indivíduo comum como produzido no âmago do grupo e por ele. (SARTRE, 2002, pag.532)

A apresentação no Centro Cultural do Alto Vera Cruz marcou uma nova fase do grupo Meninas de Sinhá. Há, neste momento, a sensação de pertencimento ao grupo. No processo de formação do grupo, passaram por inúmeras dificuldades relacionadas à aceitação por parte da comunidade e, muitas vezes, dos próprios familiares. Eram ofendidas pelos moradores do bairro, que chegavam a chamá-las de “*macumbeiras*” (Lúzia), por causa da vestimenta (blusa branca de mangas fofas e saia rodada com estampa florida).

Os homens da comunidade consideravam que elas eram “*à toa*” (sic) e faziam fofocas com os maridos, pois muitas vezes elas faziam apresentações à noite. No relato, uma delas afirmou que “*meu marido só não me agrediu fisicamente, fora isso...*” (Lúcia). Acostumados com suas mulheres em casa, dando-lhes tudo na mão, estranhavam o fato delas se arrumarem para sair de casa. Acreditavam que elas estavam interessadas em outros homens. Tais mudanças provocavam muitos atritos. Muitos maridos responsabilizavam a fundadora do grupo pelas mudanças que sentiam em suas vidas. Segundo relato, eles diziam “*Essa mulher não tem o que fazer*” (Lúcia) ou “*E ainda tira a mulher da gente que faz as coisas*” (Madalena).

Para conciliarem os afazeres domésticos com a agenda do grupo, adiantavam suas tarefas no horário que fosse necessário – “*Às vezes o dia não dava e varava a noite pra dar conta [...]*” (Lúcia) – para que os companheiros não tivessem motivos para reclamar de suas saídas.

Apesar da dificuldade, “as meninas” conseguiram provar, com muito esforço, que o interesse que tinham eram por si mesmas. Conquistaram a admiração dos moradores do aglomerado Alto Vera Cruz, mas, segundo disseram, esse respeito só chegou após o reconhecimento fora da comunidade. “*A valorização do bairro, da comunidade, chegou mais através da valorização de fora*” (Madalena). Com a visibilidade na mídia, a comunidade começou a reconhecer o valor cultural do grupo.

De acordo com os relatos da fundadora do grupo, há uma mudança radical na vida das integrantes. Muitas encontraram no grupo uma oportunidade de mudar a própria vida, concedendo a si próprias um lugar onde pudessem se dedicar a um trabalho lúdico. As doenças e preocupações do dia a dia vão, aos poucos, cedendo lugar à alegria e ao desejo de difundir essa alegria pelos locais por onde passam. Podemos notar, em uma das composições do grupo, essa transformação que as integrantes retratam na letra da música:

Xô, tristeza! Xô, tristeza. Bem-vinda alegria. Brincamos de roda dia e noite, noite e dia. A gente chorava, a gente sofria. Triste e calada e nada podia. Vem o doutor, nada resolvia. Só dava remédio e a gente dormia. Até que um dia apareceu a boa Valdete que em seu peito doeu. Juntou uma a uma com a ajuda de Deus. E foi de repente que aconteceu. Nos deu carinho, nos deu a mão. Somos gratas a ela, de todo coração. Agora vivemos pra cantar. Levando a alegria das Meninas de Sinhá [...] (Composição feita por Ephigênia Romualda, em homenagem à fundadora do grupo)

Desenvolve-se entre os membros do grupo uma fraternidade.

Somos irmãos enquanto, após o ato criador do juramento, somos nossos próprios filhos, nossa invenção comum. E a fraternidade, como nas famílias reais, traduz-se no grupo por um conjunto de obrigações recíprocas e singulares, ou seja, definidas pelo grupo inteiro a partir das circunstâncias e de seus objetivos (obrigações de ajuda mútua em geral ou no caso preciso e rigorosamente determinado de uma ação ou de um trabalho particular). [...] a fraternidade é o vínculo real dos indivíduos comuns, enquanto cada um vive seu ser e o do Outro (nem que fosse o simples estar-aí perto do Outro ou a semelhança-solidariedade dos negros revoltados, dos brancos na defensiva) sob a forma de obrigações recíprocas insuperáveis. (SARTRE, 2002, p. 531)

Segundo Sartre (2002), após um período de homogeneização do grupo, há uma substituição pela diferenciação, em que cada membro do grupo se destacará por suas especificidades. A diferenciação poderá contribuir para um maior risco de afastamento. O juramento surge, neste contexto, como garantia de que a diferenciação não culminará com a volta à serialidade do grupo.

As integrantes do grupo Meninas de Sinhá, ao longo do tempo, foram assumindo tarefas diferenciadas, descobrindo suas aptidões. No início, as atividades eram iguais para todas. Hoje, cada uma delas possui uma “tarefa” diferenciada. Algumas tocam instrumentos diversos, outras cantam, outras se envolvem com a plateia nas apresentações, outras compõem novas músicas para o repertório do grupo. “As ações passam a ser mutuamente necessárias umas às outras, e a práxis comum só pode ocorrer por causa das práxis individuais que a integram.” (GILES, 1989, p. 234). Mesmo realizando atividades diferentes, as integrantes constituem o todo do grupo.

O grupo se põe para si em uma prática reflexiva e torna-se seu objetivo imediato não só quando as circunstâncias exigem sua permanência, mas quando a diversidade de suas tarefas exige que a homogeneidade fluida da fusão seja substituída pela diferenciação. (SARTRE, 2002, p. 537)

Na organização, há uma distribuição de tarefas para os integrantes do grupo. Cada membro terá uma função distinta. No entanto, esta função será importante para os demais membros e para o grupo como um todo. Segundo Sartre (2002), cada membro é determinado pela função que exerce no grupo. Cada um deve cumprir com sua tarefa, respondendo às exigências dos demais membros em nome do grupo. Os atos particulares de cada membro só terão sentido em conjunto com os demais membros do grupo. No grupo “Meninas de Sinhá”, apesar de cada integrante possuir uma função distinta, todas as funções estão interligadas, visto que uma função sem a outra perde o sentido. Cada uma tem sua importância dentro do conjunto.

Segundo Lapassade (1977), apoiado por Sartre, só podemos falar em grupo quando este se organiza. Antes disso, o que havia era a fusão da serialidade. As Meninas de Sinhá passaram por vários momentos em seu processo de organização. Segundo Sartre (2002), o processo de organização está diretamente relacionado à distribuição de tarefas. A tarefa de cada membro, apesar de um ato individual, possui sua importância dentro do contexto geral do grupo. Cada função é importante dentro do todo, sendo que cada indivíduo com sua atividade complementar a atividade do outro.

A palavra “organização” designa a ação interna pela qual um grupo define suas estruturas e, ao mesmo tempo, o próprio grupo como atividade estruturada que se exercita no campo prático sobre a matéria trabalhada ou sobre outros grupos. (SARTRE, 2002, p. 539)

Lapassade considera a ideia de que o grupo “[...] se trabalha para poder trabalhar, quer dizer, procurar objetivos comuns” (LAPASSADE, 1977, p. 236) como uma das ideias essenciais do livro “Crítica da Razão Dialética”, de Sartre.

O grupo está sempre em busca de se tornar completo. “[...] O grupo, buscando solidez e permanência, encontra-se também num incessante processo de totalização que jamais se efetiva em definitivo.” (BETTONI, 2002, pag.74).

Por não ser algo acabado, o grupo está em constante transformação. Essas transformações afetam diretamente os membros do grupo, que estão sempre se adequando às mudanças. Segundo relato da fundadora do grupo, recentemente elas receberam “*o que faltava pro grupo*” (sic). A integrante recém-chegada toca sanfona, instrumento que ninguém no grupo tocava. Aos poucos, o grupo foi sofrendo

mudanças que nem as próprias integrantes imaginavam. *“Não sei como chegamos aqui.” (Luiza)*

Sartre (2002) destaca constantemente o fato do grupo se trabalhar, “ele se faz grupo e só continua a ser grupo, na medida em que se faz continuamente. Ele toma a si próprio como objetivo para procurar objetivos: o grupo supõe uma autocriação contínua do grupo.” (LAPASSADE, 1977, p.237).

Perdigão (1995) compara a organização dos grupos com o funcionamento do corpo humano, onde cada órgão possui função específica que contribui para manter o organismo funcionando. Ele acredita que a formação do grupo pode ser vista como um aperfeiçoamento que tem como objetivo melhorar o organismo individual, pois a ação coletiva possibilita a superação das limitações individuais. Sozinhas, as Meninas de Sinhá, apesar de auxílio médico e uso de medicação, não conseguiam superar suas dificuldades. Foi através do grupo que conseguiram, em conjunto, vencer as dificuldades com as quais deparavam.

O grupo organizado, pela divisão de tarefas, redundava em algo como uma ampliação fantástica da práxis de um indivíduo: o grupo (não por ser numeroso, mas por ser mais complexo do que qualquer organismo individual) obtém resultados que nenhum indivíduo poderia alcançar sozinho, ainda que multiplicando sua força e habilidade. (PERDIGÃO, 1995, p.231)

Se no juramento o compromisso dos indivíduos com o grupo era apenas através das promessas de permanecer no grupo, com a organização que se conquista com a divisão das tarefas a união entre os membros passa de algo abstrato para algo concreto, ou seja, a realização da tarefa que lhe foi proposta. “Assim, distribuídas as ocupações, os membros, ao se distanciarem uns dos outros, mantêm entre si uma fraternidade enquanto “laço de ausência” bem mais eficaz do que antes [...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 233).

Ao contrário de Marx, para Sartre o sujeito não se aliena na tarefa que executa. Uma vez que é um ser livre, sua liberdade também se manifesta na execução da tarefa que lhe foi proposta.

Portanto, o indivíduo já não é apenas feito pela função, mas ele se faz livremente, a partir do que lhe cabe realizar, atua de maneira toda própria dentro desses limites da função, conservando uma margem de iniciativa criadora pessoal. (PERDIGÃO, 1995, p. 234)

Se, por um lado, a divisão das tarefas possibilita certa estabilidade ao grupo, por outro, essa estabilidade acaba por proporcionar a separação entre os membros.

Apesar de estar juramentado e organizado, o fantasma da dissolução, ou seja, da volta à serialidade continua a rondar o grupo. Mesmo com o juramento e a organização, utilizados para evitar a dispersão dos membros do grupo, a dissolução será sempre um perigo constante, que o grupo continuará tentando superar. Para Lapassade (1977), o grupo vive obcecado pela ideia de conquistar a unidade de um organismo. Na ilusão de tentar proteger-se, o grupo continuará lutando para evitar sua dissolução.

Na proporção em que aumentam as dificuldades de integração, em face da expansão contínua, o grupo passa a agir sempre com maior intensidade sobre si mesmo, pois só desse modo poderá resistir à alteridade e à inércia que começam a corrompê-lo por toda parte. (PERDIGÃO, 1995, p. 239)

Na tentativa de se manter coeso, o grupo se tornará institucionalizado através de novas formas de agir.

Se a práxis comum mostrou-se inoperante e perigosa (as liberdades são sempre imprevisíveis), a solução final e desesperada é recorrer às estruturas de inércia, dando-lhes força suficiente para manter a unidade ameaçada. (PERDIGÃO, 1995, p. 239)

De acordo com Sartre (2002), o grupo abrirá mão das práxis individuais, buscando o que ele denomina de processo.

Alguns relatos das integrantes do grupo Meninas de Sinhá apontam para conflitos constantes entre os membros. Dentre esses conflitos, parecem ser frequentes as insatisfações em relação à escolha das participantes que farão apresentações quando não há possibilidade de que todas estejam presentes, a exemplo da viagem à Polônia.

“Elas ficam com raiva e fala assim que tão escolhendo.” (Marina)

“... ela escolheu quem tinha menos problemas de saúde, quem tem mais agilidade, quem representa melhor, quem tem mais capacidade de dar uma

entrevista, quem pudesse igual ela falou, se alguma tivesse algum problema as outras tivessem condições de ajudar naquela situação.” (Madalena)

“Quem tiver sentindo bem vai, quem não tiver, pode falar pra não dar problema lá depois.” (Marina)

O grupo está atualmente construindo um estatuto que pretende regulamentar algumas questões que geram conflitos. A construção desse estatuto conta com a colaboração da produtora cultural do grupo, que atualmente parece funcionar como mediadora dos conflitos. Percebemos, neste contexto, que o grupo caminha para uma institucionalização.

O grupo institucional ostenta o semblante de uma “coisa” estabelecida com caráter de permanência, é um sistema fechado e estático, identificável pela força de seus códigos de conduta, suas leis, sua rigidez mecânica, sua estrutura estabilizada, e também pela redução da práxis individual a limites severos. (PERDIGÃO, 1995, p.240)

Diante do impasse gerado pelos conflitos que apontam para a possibilidade de dissolução do grupo, a criação de um estatuto vem possibilitar uma forma de controle sobre os membros, buscando resolver de antemão tudo aquilo que poderá contribuir para a volta à serialidade. *“Nó... tá um clima terrível, nós estamos até fazendo, agora a reunião que tá acontecendo é pra isso. Nós vamos tirar um estatuto de regulamento mesmo, como que vai funcionar. (...) pra ver se melhora o relacionamento que tá criando muitas desavenças” (Madalena).* “O momento institucional corresponde ao que se pode chamar a autodomesticação sistemática do homem pelo homem.” (SARTRE, 2002, p. 685).

Sartre (2002) aborda algumas transformações sofridas pelo grupo ao se institucionalizar. Dentre essas transformações há o surgimento da autoridade, ou seja, o poder. Para que esse poder prevaleça, o grupo deverá estar novamente na inércia e na serialidade.

Ao se institucionalizar, o grupo mais uma vez fracassa em sua tentativa de evitar a serialidade e acaba retornando a esta. Segundo Lapassade (1977), a “vida” que fazia parte do grupo perde-se com a burocracia. No processo de burocratização, todo o poder, que antes se dividia entre os membros do grupo, concentrar-se-á

agora nas mãos de um único membro, o soberano. Os membros do grupo tornam-se passivos, submetendo-se às ordens do soberano.

Para Perdigão (1995), o grupo “negou as liberdades individuais e impôs estruturas de inércia, a práxis fez-se processo, a ação comum petrificou-se em passividade e alteridade” (p.243). Se a práxis individual ameaça o grupo, há uma tentativa de tornar a práxis comum.

Conforme o grupo Meninas de Sinhá vai ganhando popularidade e reconhecimento, aparece um novo elemento no grupo, externo a ele, que parece funcionar como esse soberano, detentor do poder. A produtora cultural do grupo aparece no relato de suas integrantes como aquela que toma as decisões importantes. Por exemplo, busca parcerias para realização de shows, inclui e exclui membros (em algumas apresentações) segundo critérios que parecem visar o bom funcionamento do grupo como instituição.

A recente viagem que o grupo fez à Polônia gerou muitos conflitos, segundo os relatos. *“Na hora de viajar mesmo é um problema, porque são poucos os lugares que a gente consegue pra todo mundo ir”* (Madalena). Das 32 integrantes, apenas 9 puderam ir a esse festival.

No decorrer do tempo, o grupo, que surgiu como um espaço com função terapêutica e lúdica, parece ganhar cada vez mais contornos de um grupo artístico-profissional. Apesar das apresentações de cunho social que realizam em creches, asilos, hospitais e penitenciárias, em várias apresentações elas recebem cachê, que é dividido pelas integrantes que participaram da apresentação.

3. OS SENTIDOS DO GRUPO NA HISTÓRIA SINGULAR

Buscamos fazer, nesta dissertação, uma dupla articulação da noção de angústia existencial com a discussão sobre o processo de constituição grupal das Meninas de Sinhá e o processo de construção da identidade psicossocial das mulheres que integram o grupo.

O existencialismo trata dos conflitos dos indivíduos relacionados à sua existência. Entre esses, a angústia ocupa um lugar central.

Destacamos o conceito de angústia por acreditarmos que foi a partir da angústia vivenciada pelas mulheres atendidas no Posto de Saúde que a possibilidade do encontro e a formação do grupo Meninas de Sinhá aconteceu.

Por outro lado, a vivência grupal foi um dos elementos de transformação da identidade das mulheres e, ao mesmo tempo, da vivência da angústia. Podemos identificar que a angústia vivenciada inicialmente por elas era uma angústia patológica, que as aprisionava em um quadro depressivo. Do ponto de vista do existencialismo, a angústia é parte da condição humana. Deste modo, não é possível imaginar um ser humano sem angústia. A angústia vivenciada pelas mulheres no grupo Meninas de Sinhá já não é a angústia patológica, mas a angústia existencial, que impulsiona projetos e produção de sentido para a vida.

3.1 Angústia

No existencialismo, a angústia é considerada uma característica ontológica do ser humano, ou seja, é própria da existência, e não algo que sentimos em determinados momentos de nossa vida. May (2000) cita Kurt Goldstein para salientar que a angústia não é algo que possuímos, mas algo que somos.

Sartre (2009) acredita que não podemos eliminar a angústia, pois somos angústia. Conforme destaca May (2000), o ser humano vivencia a angústia como uma ameaça ao próprio ser.

A angústia “não é uma ameaça periférica que posso, por exemplo, assumir ou deixar de lado, ou uma reação possível de ser classificada entre outras; representa sempre uma ameaça aos alicerces, ao centro de minha existência” (MAY, 2000, p.120). Segundo May (2000), a angústia nos coloca sempre diante da possibilidade

de não ser, ou seja, diante da possibilidade da nossa própria morte. Sentimo-nos constantemente ameaçados pela possibilidade de nos transformarmos em “nada”, perdendo o nosso ser e o mundo a nossa volta.

May (2000) destaca a dificuldade para a tradução do termo do alemão (*Angst*) para o inglês. Como não há um equivalente do termo em inglês, ele vem sendo traduzido de formas diferentes, dentre as quais destacamos *anxiety* (ansiedade) e *dread* (pavor ou medo). A maioria dos autores citados nesta dissertação utiliza o termo angústia, à exceção de Tillich, que utiliza a expressão ansiedade, que guarda o mesmo sentido de angústia.

Segundo Giovanetti (2000), psicólogos e filósofos abordam a angústia de formas diferentes. Os filósofos tratam da angústia ontológica, aquela que é característica do ser humano; os psicólogos, em contrapartida, tratam da angústia relacionada à vivência.

Os filósofos procuram fazer a diferenciação entre o medo e a angústia. O medo se distingue da angústia por possuir um objeto específico que o desencadeia, algo que posso evitar a fim de me proteger, ao contrário da angústia, que não possui um objeto específico, sendo, por isso, algo inevitável e mais difuso. Segundo May (2000), a angústia ameaça um dos principais pontos da existência, a noção de valor que temos de nós mesmos, a autoestima.

A autoestima é justamente um dos pontos destacados pela fundadora do grupo Meninas de Sinhá, que se recorda de como era baixa a autoestima das mulheres quando o grupo começou: “O caso é o seguinte, o grupo foi justamente feito para que as mulheres tivessem uma autoestima.” (sic).

A baixa autoestima era observada pela fundadora do grupo na aparência das mulheres, que denotava negligência no cuidado de si. O grupo e os vínculos construídos no fazer grupal possibilitaram às mulheres o resgate do cuidado de si mesmas: “[...] foi uma coisa muito boa que resgatou a autoestima de todo mundo” (Madalena).

Heidegger (2009) aponta nossa dificuldade em identificar o que de fato nos angustia. Não conseguimos localizar a angústia em lugar nenhum. Como não conseguimos identificar um objeto que desencadeia a angústia, não conseguimos evitá-la. Como não podemos evitar a angústia, tentamos nos proteger, criando medos. Desviamos nossa angústia para algum objeto específico, na ilusão de poder, dessa forma, combater a angústia, ao evitar determinado objeto.

Para Tillich (1972), a angústia, nomeada pelo autor como ansiedade, é na realidade o medo daquilo que desconhecemos. “[...] a ansiedade não tem objeto, ou melhor, numa frase paradoxal, seu objeto é a negação de todos os objetos” (TILLICH, 1972, p.29), ou seja, “[...] a fonte de ameaça é o nada” (TILLICH, 1972, p.29). Diferentemente do medo que nos atinge em situações específicas, que muitas vezes conseguimos evitar, a angústia se torna impossível de evitar. Além de não possuir algo determinado que a desencadeie, ela é parte de nossa existência, algo com que teremos de conviver.

Quando nossa tentativa de desviar a angústia para algum objeto é fracassada, deparamos com a angústia nua e crua. Para Tillich (1972), de forma geral, o medo da morte está por trás de cada medo que sentimos. A angústia, quando não é desviada para algum objeto, coloca-nos de frente com o medo de não ser. Para o homem, o não-ser é sempre questão e ameaça. O autor destaca ainda que a angústia frente à possibilidade de não ser é parte de nossa existência, sendo por isso impossível de evitar. A angústia de não-ser está relacionada a nossa finitude.

Boss (1975) esclarece que o “do que” de cada angústia é sempre uma ameaça fatal à possibilidade de existência do ser. A angústia revela o medo de não estar mais no mundo, de extinguir-se. O “pelo que” da angústia é a relação com o mundo e com todas as suas possibilidades.

Giovanetti (2000) destaca que não é o medo de morrer que angustia o homem, mas sim seu compromisso em viver. Uma vez tendo assumido este compromisso, vê-se obrigado a fazer escolhas e a aceitar sua finitude.

Lembramos que o grupo Meninas de Sinhá é composto por mulheres na faixa etária entre 50 e 92 anos. Ao longo da trajetória do grupo, elas têm vivido inúmeras perdas: as perdas provocadas pelo envelhecimento, pela morte de algumas integrantes. Atualmente, o grupo é composto por 32 mulheres, mas chegou a contar com 50. Uma das integrantes do grupo relatou, na entrevista, que *“umas faleceram, outras não dão conta mais de andar”* (Luiza).

Angustiamo-nos com o mundo que nos cerca: “[...] a angústia se angustia com o mundo como tal” (HEIDEGGER, 2000. p.253). Os existencialistas acreditam que deparamos com a angústia especialmente quando estamos diante de uma nova possibilidade em nossas vidas. Segundo May (2000), a angústia surge quando estamos diante de uma nova possibilidade ou potencialidade, mas, em

contrapartida, para vivenciar uma nova experiência, devemos abrir mão da condição atual de segurança. Esta insegurança de abrir mão da condição atual para uma nova, muitas vezes, paralisa o indivíduo, fazendo com que rejeite a nova possibilidade.

Já que a angústia está diretamente relacionada às potencialidades e possibilidades que se abrem para o sujeito, muitas vezes, para se livrar da angústia, o sujeito abdica de sua liberdade de escolha, fechando-se para novas possibilidades, na ilusão de proteger o seu ser. Para Goldstein, citado por May (2000), na tentativa de evitar a angústia, os seres humanos acabam abrindo mão de suas possibilidades de escolha, ou seja, de sua liberdade.

Frente às inúmeras possibilidades que lhe são apresentadas pelo mundo, o sujeito pode tanto avançar, quanto recuar. O medo de abrir mão de uma situação conhecida poderá manter o sujeito “paralisado” frente à própria vida. “A angústia pode nos libertar ou nos destruir” (Giovanetti, 2000, p.119). Apoiado em Kierkegaard, Giles (1989) aponta que, frente a suas possibilidades, o sujeito pode tanto aceitar sua condição de realização quanto pode negá-la. Aceitando ou negando suas possibilidades de realização, a angústia estará presente, sendo impossível evitá-la. A angústia aponta a possibilidade de viver uma vida autêntica.

[...] a tentativa de fuga diante da angústia terá por único resultado a melancolia que se origina quando, tentando fugir de si próprio, e buscando perder-se nas distrações, o homem descobre em si um resíduo de pressentimentos a dizer-lhe que toda a sua tentativa de fuga é em vão” (GILES, 1989, p.20)

Para Heidegger (2009), a angústia impulsiona o *Dasein* a aproximar-se de si mesmo. Saímos de nossa zona de conforto para buscarmos algo mais, impulsionados pelo mal estar provocado pela angústia.

A angústia é o caráter típico e próprio da vida. A vida é angustiosa. E por que é angustiosa a vida? A angústia da vida tem duas facetas. De um lado, é necessidade de viver, é afã de viver, é anseio de ser, de continuar sendo, para que o futuro seja presente. Mas, de outro lado, esse anseio de ser leva dentro o temor de não ser, o temor de deixar de ser, o temor do nada. Por isso, a vida é, de um lado, anseio de ser e, de outro lado, temor do nada. Essa é a angústia. Pois o nada amedronta o homem. (MORENTE, 1970, p. 311 apud COTRIM, 2002, p. 218).

A angústia nos impulsiona em direção às possibilidades da vida. Segundo Heidegger (2009), a angústia singulariza o Dasein em seu próprio ser-no-mundo que, em compreendendo, se projeta essencialmente para as possibilidades. Para Araújo (1984), o homem, por estar em relação constante com suas possibilidades, está também sempre frente ao desconhecido. Não havendo possibilidades de evitar esse desconhecido, conseqüentemente o homem dribla a angústia.

Ao contrário de algo negativo, a angústia é vista no existencialismo como algo que nos impulsiona em direção às nossas possibilidades. A angústia pode libertar o homem de uma vida vazia de sentido, impulsionando-o em busca de suas realizações. Para Giovanetti (2000), a angústia possui algo que a relaciona diretamente com o sentido de vida. Segundo Protásio (2008), a angústia possui a característica de nos auxiliar na análise do que estamos fazendo da nossa vida, podendo assim nos despertar, levando-nos a uma vida mais autêntica. Movidos pela angústia que sentimos, podemos buscar novas possibilidades em nossa vida.

As Meninas de Sinhá, movidas pela angústia que sentiam, puderam iniciar os encontros do grupo na tentativa de apaziguar tal angústia. Paralisadas diante de uma vida esvaziada de sentido, elas puderam, através do grupo e do encontro com outras mulheres, construir novos sentidos para a vida. Acreditamos na angústia, neste caso, como motivadora, como a necessidade (como destaca Sartre em sua teoria de grupos) que permite a fundação do grupo.

O *Dasein* é “Desabrigado, devedor, finito, angustiado, vivendo na falta, com as perdas, e, contudo, podendo responder ao chamado para ser mais propriamente si-mesmo [...]” (SAPIENZA, 2007, p.42). Apesar de toda sua condição de falta, o sujeito possui também a possibilidade de realização.

Kierkegaard (2010) destaca a Psicologia como a ciência que deve ocupar-se da angústia, sendo esta relacionada ao espírito que sonha. “A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade.” (KIERKEGAARD, 2010, p.45). Nesta perspectiva, há uma relação direta entre a liberdade e a angústia.

Angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto no olho como no abismo. Não tivesse ele encarado a fundura!...Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. (KIERKEGAARD, 2009, p.66)

A angústia aponta para o caráter de indeterminação da existência. Nossa existência se faz a partir de nossas escolhas, não há algo estabelecido. Somos na medida em que escolhemos. Para Feijoo (2011), os filósofos da existência consideram a indeterminação como o caráter mais próprio do existir. Somos sempre obrigados a escolher frente às possibilidades que nos são oferecidas pelo mundo.

Protásio (2008) destaca a ligação entre angústia e uma ética da existência. Angustiamo-nos sempre que deparamos com as possibilidades de nossa existência, e este sentimento nos abriria as portas da consciência. Ao consultarmos nossa consciência, estaríamos mais preparados para assumir uma vida mais autêntica.

Para o existencialismo, a angústia é considerada mobilizadora, pois pode reconduzir o homem ao encontro de si. No entanto, também pode tornar-se patológica, tendo o efeito contrário, de paralisar o homem frente à vida. Sabemos da dificuldade em delimitar onde começa a angústia patológica e onde termina a angústia existencial, pois não se tem “uma clareza sobre os limites ontológicos e psicológicos na vivência da angústia” (Giovanetti, 2000, p.127). Não é nosso objetivo nesta pesquisa delimitar essas fronteiras. Acreditamos que, no caso das integrantes do grupo Meninas de Sinhá, podemos tanto deparar com a angústia patológica, que paralisou aquelas mulheres diante das possibilidades da vida, quanto com a angústia existencial, que as impulsionou para novas escolhas e novos desafios.

Nesta concepção, a angústia assumiria a importante função de projetar o homem para transcender sua condição atual em busca de algo mais. A angústia no existencialismo possui duas formas: a angústia existencial e a angústia patológica. A primeira diz de algo que somos; já a segunda aponta para um aspecto patológico, visto que paralisa o homem diante de suas possibilidades.

O desespero é a “doença mortal”, esse suplício contraditório, essa enfermidade do eu. Eternamente morrer, morrer sem todavia morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo está acabado, mas morrer a morte significa viver a morte. E vive-la um só instante, é vive-la eternamente. (KIERKEGAARD, 2002, p.23)

A morte não é só a morte biológica, mas também a morte simbólica que surge através do não reconhecimento, da falta de valor. A angústia aparece para despertar o homem de uma vida vazia de sentido. A angústia surge como salvação para o sujeito que se encontra paralisado diante de suas possibilidades, ou seja, diante da

própria liberdade de escolha. Para Beufret (1976), a angústia nada nos poderá ensinar sobre como deveremos nos comportar. Sua função é a de reconduzir com firmeza o homem a reencontrar-se consigo.

A negação de nossas possibilidades poderá culminar com o adoecimento físico e psíquico, quando a angústia assume novas formas de se manifestar. “[...] a angústia frente à presença da liberdade, porém querendo negá-la – pode levar o corpo a querer se pronunciar.” (FEIJOO, 2010, p.70). No caso das Meninas de Sinhá, podemos dizer que o corpo se manifestou através da depressão, da insônia, enfim, do adoecimento.

Destacamos a ligação existente entre a liberdade e a angústia. A negação da liberdade poderá levar a angústia a manifestar-se de outras formas. Feijoo (2010) aponta, entre essas formas, a hipocondria e as queixas dos sintomas corporais.

Paul Tillich (1972) classifica a angústia em três tipos: (1) Angústia do destino e da morte: aparece como a mais universal das angústias, sendo inevitável ao homem escapar dela. Essa angústia está diretamente relacionada à sua condição no mundo e à sua condição de ser-para-morte. Mesmo não havendo ameaça iminente de morte, o medo de não ser estará sempre presente; (2) Angústia de vacuidade e insignificação: as coisas com as quais tínhamos algum tipo de ligação, as coisas que nos eram importantes, perdem completamente o valor e o sentido. É uma ameaça ao ser espiritual; (3) Angústia da culpa e condenação: ao perder sua possibilidade de realização, indo contra tudo o que lhe é característico, o homem pode deparar com a angústia de culpa e condenação. Segundo o autor, essas três formas de angústia estão entrelaçadas, podendo coexistir.

Para Tillich (1972), a angústia pode tanto nos impulsionar para a coragem quanto para o desespero. Quando enfrentamos a angústia e a aceitamos como própria da nossa existência, conseguimos aceitar e conviver com ela, já que não podemos eliminá-la. Quando o sujeito fracassa na tentativa de enfrentar a angústia, acaba desenvolvendo uma angústia patológica.

Acreditamos que o adoecimento psíquico relatado pelas integrantes do grupo Meninas de Sinhá relaciona-se com a negação das próprias potencialidades, ou seja, de sua liberdade. A angústia, nesse contexto, pode ter impulsionado as mulheres da comunidade do bairro Alto Vera Cruz (Belo Horizonte – MG) a buscarem novas possibilidades, o que culminou com a formação do grupo Meninas de Sinhá e com a transformação dessas mulheres.

3.2 Processo De Construção De Identidade

Ciampa (2007) discutirá o processo de constituição da identidade tendo como pressuposto teórico-metodológico o materialismo histórico dialético. Nesse sentido, o contexto histórico é compreendido como um elemento constitutivo da identidade, assim como, ao mesmo tempo, os sujeitos singulares transformam e constituem a própria história. Podemos compreender claramente que essa afirmação de Ciampa ancora-se na lógica dialética. No processo de constituição de nossa identidade o outro assume um papel fundamental, uma vez que a identidade é relacional, e o reconhecimento do outro é extremamente importante no processo de afirmação das diferenças e semelhanças, das mudanças e das permanências produzidas ao longo da vida.

Ciampa (2007) considera a “[...] identidade humana como metamorfose, ou seja, o processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (Ciampa, 2007, p.22). Ao contrário de algo que permanece imutável, a identidade humana é algo que está em constante transformação, sendo constituída por inúmeros fatores, dentre eles, principalmente, as condições do contexto histórico no qual estamos inseridos, bem como de nossas relações sociais. Essas condições transformam a identidade, ao mesmo tempo que também são transformadas por ela. Neste sentido, a natureza humana é, para Ciampa, uma natureza histórica.

Para discutir o conceito de Identidade, Ciampa (2007) apresenta a história de duas personagens: Severino, personagem fictício do poema “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto; e Severina, personagem da vida real, uma mulher nordestina que migra para São Paulo. A história de cada uma das personagens é tomada para ilustrar sua teoria sobre o conceito de identidade.

Severino, jovem lavrador da Paraíba, torna-se retirante para defender a própria vida da morte e também da velhice, que, para os moradores de sua região, chega antes dos trinta anos. Segundo Ciampa, o que, na realidade, a personagem buscava era encontrar uma identidade humana.

A vida de Severina também é marcada por muito sofrimento. Foi abandonada e violentada inúmeras vezes ao longo da vida. A violência que marcou sua vida começou com o próprio pai, que sempre agredia a esposa e os filhos. Numa dessas vezes, deixou a esposa aleijada, após agredi-la com um facão. Desapareceu e, após

algum tempo, retornou para casa, engravidando novamente a esposa, que morreu no parto. Aos 11 anos, Severina perde a mãe, e o pai desaparece. Seu destino a leva a trabalhar em casa de família. Seu primeiro projeto de vida era o de vingar-se do pai e da amante dele pela morte da mãe. Em suas peregrinações de casa em casa chega a São Paulo. Havia se tornado escrava, trabalhava para ganhar muito pouco ou quase nada. Na ilusão de que sua vida seria diferente, acaba se casando e engravidando, como a própria mãe. É também violentada e explorada pelo marido inúmeras vezes. Para livrar-se de ser punido em decorrência da violência que cometia contra Severina, seu marido a rotula de louca e ela acaba se identificando com esse rótulo. As queixas de Severina sobre a violência sofrida são desqualificadas, não são levadas a sério por ninguém, por se tratar da narrativa de uma “louca”. Sua vida começa a mudar quando ela começa a trabalhar na casa de um casal que a trata de maneira diferente. Consegue uma nova profissão: manicure. Torna-se budista e acaba transformando sua vida e abandonando seus projetos de vingança.

Em ambas as histórias, vamos acompanhando as transformações dos personagens ao longo da vida, marcada por diferentes situações, por encontros e desencontros. O autor fará, através da lente da lógica dialética, a análise dessas duas histórias, tendo como pano de fundo a discussão do que é identidade.

No processo de constituição da nossa identidade, as relações sociais aparecem como elemento fundamental. Conforme nos relacionamos com as pessoas ao nosso redor, vamos construindo nossa identidade, ao mesmo tempo em que também participamos do processo de constituição da identidade do outro.

Para Ciampa (2007), a identidade é uma questão social: as identidades constituem a sociedade em que vivemos, ao mesmo tempo em que são permanentemente constituídas por esta mesma sociedade, ou seja, dialeticamente, o contexto histórico produz o sujeito, ao passo que é também produzido por ele.

Só se é alguém através das relações sociais. O indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, criação humana, é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza com o próximo é fictícia, é abstrata, é falsa. (Ciampa, 2007, p.86)

Ciampa (2007) recorre a Heidegger (1999) para defender o argumento de que “o ser faz parte da identidade”, e não “a identidade faz parte do ser”, como se

defendia. No decorrer da discussão proposta por Ciampa (2007) em torno do conceito de identidade, percebemos uma aproximação com o pensamento existencialista. Destacamos a seguir possíveis convergências entre o pensamento de Heidegger e Ciampa.

Assim como Heidegger (2009), Ciampa (2007) também considera o ser humano como um ser de relação, um ser que não existe isolado do mundo, que não está pronto, que irá se constituindo conforme for existindo no mundo e em relação com os outros. Para Heidegger (1999), nós constantemente nos projetamos para fora de nós mesmos, no entanto, estamos sempre limitados pelo mundo no qual estamos inseridos.

Em seus estudos, Heidegger (2009) utilizará o termo *Dasein* (**ser-aí**) para designar o homem. Segundo o filósofo, esse “**aí**” do ser é o mundo, local onde o ser acontece. O *Dasein* estará sempre em relação com o mundo a sua volta. Segundo Rodrigues, *in* Feijoo (2008), como não há nenhuma substância que defina o homem *a priori*, ele se definirá a partir do seu encontro com o mundo. “[...] suas aspirações mais íntimas, não remete a uma pretensa interioridade, fonte de todas as verdades, mas sim do mundo, à exterioridade, ao modo como se articulam as suas experiências de ser-no-mundo-com-os-outros.” (Rodrigues, *in* Feijoo, 2008, p.41)

Figueiredo (2010) aponta, na analítica existencial de Heidegger (2009), o *Dasein* como a descrição fenomenológica da estrutura fundamental. O *Dasein* aparece como categoria central de sua analítica existencial e implica a importante relação do existente com o mundo. Existir é estar inevitavelmente situado e projetado para o mundo. Para Heidegger (2009), a “essência” do *Dasein* está em sua existência, ou seja, o ser vai se fazendo conforme for vivendo. As características constitutivas do *Dasein* são sempre modos possíveis de ser, e somente isso. Nossa existência não tem um caráter de pré-determinação, apenas de possibilidades. E, sendo essencialmente suas possibilidades, o ser vai se fazendo conforme for existindo e fazendo suas escolhas.

Dasein (ser-aí) significa o ser lançado em um mundo, cuja mera presença implica a possibilidade completa e total da existência. Desta forma, cria a máxima do existencialismo, em que a existência tem prioridade sobre a essência, logo o ser não pode jamais distinguir-se do seu modo de ser. Suas propriedades nada mais são do que modos possíveis do existente. Existir enquanto *Dasein* implica não em ser passível de objetivação. Insistir em falar do sujeito, ou de um eu fechado para determinar o homem, faz com que se perca a compreensão de sua essência fundamental, pois ser-aí se constitui como algo que se sustenta no âmbito da abertura do mundo. (FEIJOO, 2010, p. 77)

Para Rodrigues (2008), o homem passa a se reconhecer como homem a partir de uma experiência coletiva, quando há uma “apropriação do conjunto de sentidos históricos que se articulam singularmente” (Rodrigues, p.42).

Assim como não podemos limitar o homem em um conceito, já que ele é constante fazer-se, também não podemos dizer que a identidade seja algo imutável e permanente, uma vez que ela é constantemente transformada. Para Heidegger (1999), a identidade é um processo que acontece na relação com o outro, e não uma “monótona uniformidade” (p.174).

Duveen, *in* Arruda (1998), destaca que “as identidades tomam forma através da entrada do indivíduo no mundo das representações” (Duveen *in* Arruda, 1998, p.98). O autor parafraseia uma célebre frase de Sartre, ao dizer que “as representações precedem as identidades” (Duveen *in* Arruda, 1998, p.98). Para o autor, nossa identidade vai ganhando forma na medida em que nos inserimos no mundo das representações.

A identidade, então, não é uma coisa, como uma atitude ou crença determinadas, mas a força ou poder que liga uma pessoa ou grupo a uma atitude ou crença; numa palavra, a uma representação. A identidade é uma luta pelo reconhecimento, e a alteridade é construída no decorrer dessa luta. A identidade, então, é antes de mais nada separação e diferenciação do outro, portanto, a íntima relação entre o eu e a identidade, ambos construções da diferença. (Duveen *in* Arruda, 1998, p.99)

Estamos constantemente construindo inúmeras representações. O grupo Meninas de Sinhá construiu uma representação do que é ser integrante do grupo, representação que podemos visualizar no discurso de suas integrantes. Elas destacam que ser uma Menina de Sinhá é ser alegre e servir a vida cantando e levando alegria para outras pessoas.

Ciampa (1989) afirma que, mesmo possuindo representações prévias de quem somos, essas representações em si não são suficientes. É necessário que elas sejam validadas de alguma forma pelo outro. Neste contexto, nossas relações aparecem como peça fundamental para que aconteça a validação da representação pré-existente. O autor apresenta como ilustração das representações pré-existentes a condição de um bebê antes de seu nascimento. Ele já nasce “filho” de alguém, membro de determinada família. O indivíduo assimilará estas representações, o que acabará se tornando uma objetividade social. Segundo Ciampa (2007), o primeiro traço de nossa constituição identitária é o nome próprio, que aparece como “símbolo de nós mesmos” (Ciampa, 2007, p.131). A escolha do nome vem, muitas vezes, acompanhada de inúmeras expectativas. Temos determinado nome devido a algum personagem da vida real ou da ficção, para homenagear alguém, ou para nos destacar como alguém com nome incomum. Acompanhada do nosso nome vem também uma série de representações. Essa criança receberá as representações familiares, mas também contribuirá para o surgimento de uma série de novas representações dentro daquele núcleo familiar.

Uma das características da identidade é o fato de ser uma “articulação da diferença e da igualdade” (Ciampa, 2007, p.138), dois polos antagônicos e dialeticamente inseparáveis, presentes na constituição de nossa identidade. Essa articulação é bem exemplificada pela família. Quando nascemos, recebemos um nome que nos distingue dos outros membros da família a que pertencemos. Nosso primeiro nome é nossa singularidade naquele grupo. Em contrapartida, recebemos também um sobrenome que nos iguala aos demais, tornando-nos membros dessa família. “[...] a questão do nome não se restringe à relação com a família. Refere-se também à nossa localização na sociedade, totalidade da qual a família é parte, mediação entre indivíduo e sociedade.” (Ciampa, 2007, p.138).

Ciampa (1989) afirma que possuímos certos atributos que dizem quem somos. Ao nos apegarmos a esses atributos, nossa identidade aparece como algo atemporal. Deixamos de perceber que essa identidade é constantemente re-posta, ou seja, é reafirmada a todo tempo através de nosso comportamento. Ao perdemos o caráter temporal e histórico da identidade, passamos a vê-la como algo permanente e imutável. “Uma vez que a identidade pressuposta é repostada, ela é vista como dada – e não como se dando num contínuo processo de identificação.” (Ciampa, 1989, p.66).

Antes da formação do grupo, as Meninas de Sinhá eram consideradas deprimidas. Esta representação acabava sendo re-posta cada vez que elas iam ao Posto de Saúde da comunidade em busca de nova consulta médica e de novo receituário para medicação. As relações estabelecidas entre as mulheres e o “Posto” acabavam por manter a identificação de deprimida como algo permanente e imutável. Ser deprimida torna-se uma forma de identificação dessas mulheres. Apesar de todas as mudanças que existem, há algo de permanente em nossa identidade, permanência que é repostada constantemente. Segundo Ciampa (1989), acabamos perdendo o caráter de re-posição da identidade. “A mesmidade de mim é pressuposta como dada permanentemente, e não como reposição de uma identidade que uma vez foi posta” (Ciampa, 1989, p.67).

Segundo Ciampa (1989), nossa identidade permanece a mesma enquanto nos reconhecemos e somos reconhecidos de determinada maneira. As identificações que recebemos da sociedade acabam nos fornecendo um manual com as formas como devemos nos comportar diante de cada papel que assumimos.

Ciampa (1989) destaca que somos uma totalidade, e isso não afasta a possibilidade de nos mostrarmos de acordo com o momento que estamos vivenciando. Para o autor, somos representantes de nós mesmos. Há uma rede complexa de “representações que permeia todas as relações” (Ciampa, 1989, p.67). A fim de nos mostrarmos como realmente somos, temos que nos apresentar sem essas cristalizações, pois na realidade somos metamorfose.

Não é tarefa fácil dizer quem somos. Na tentativa de nos identificar, muitas vezes, nos perdemos em inúmeros substantivos e adjetivos que nos nomeiam, mas também acabam demonstrando algo de estático, que não condiz com a realidade, uma vez que somos movimento. Lançamos mão de representações para nos identificar e essas representações acabam limitando o que realmente somos e todas as nossas possibilidades. “As representações abrigam e expressam as coisas em sua manifestação apenas provisoriamente.” (Critelli, 2006, p.18). Para Rodrigues (2008), mesmo que sejamos abertura, possuímos uma tendência ao fechamento, nos vemos como algo concluído e nos conformamos com as identidades que os outros nos conferem.

Um dos primeiros recursos que utilizamos para nos identificar é o nosso nome. O nome é utilizado para dizer da nossa identidade. Além de se apresentar

através do nome, a identidade também pode apresentar-se na forma de personagem.

Segundo Ciampa (2007), com o objetivo de representar a identidade, utilizamos frequentemente proposições substantivas, quando na realidade o mais adequado seria que utilizássemos proposições verbais. Somos mais bem definidos por proposições verbais por não sermos um conceito, algo concluído, e sim o que dele fazemos, ou seja, ação. “Assim, a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado e não como um dar-se constante que expressa o movimento social” (Ciampa, 1989, p.68).

Ciampa (1989) destaca que, ao nos descrevermos, temos a tendência de nos apegarmos aos substantivos, destacando algo de permanente da identidade, algo dado e não construído, ou seja, enfatizamos o produto, e não o processo. Acabamos nos esquecendo do processo de produção desse suposto produto denominado identidade, do qual temos grande participação como autores e não apenas como atores que encontram a história já escrita.

Para Ciampa (1989), os substantivos apontam para um caráter imutável da identidade. Ao nos apegarmos aos substantivos, nos esquecemos dos verbos, e são estes, ou seja, o agir, que na realidade diz quem somos. “Nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática.” (Ciampa, 1989, p.64).

Ciampa (2007) relata que, ao predicarmos determinada atividade, ela acaba ganhando vida independente da atividade que lhe deu origem, ou seja, mesmo que a atividade não seja mais exercida, a pessoa continua sendo identificada por ela.

Nossos encontros nos modificam constantemente, tornando nossa identidade mais fluida que rígida. Ciampa (2007) destaca que o indivíduo deixa de ser visto como ser isolado, para se fazer nas relações. Não conseguimos pensar o indivíduo fora das relações. Não é possível sermos constantemente os mesmos, nossas relações nos modificam constantemente, assim como o momento histórico no qual vivemos também nos afeta. Para Ciampa (1989), nossas determinações serão ditadas pelo contexto social e histórico em que vivemos. Desta forma, a identidade possui um caráter histórico-social.

De acordo com Ciampa (2007), a identidade é movimento constante, e é bem representada pela expressão (morte-vida). Expressão que, segundo o autor, representa bem o movimento dialético da identidade, o movimento constante de transformação e conservação. Ciampa (1989) apresenta o exemplo da

transformação da semente, que acredito servir também como exemplo para ilustrar a expressão morte-vida. A semente precisa ser negada em sua condição para ser realmente uma semente. Morre como semente para nascer como planta (morte-vida). A planta é a semente negada, ela é a semente transformada. Para verdadeiramente ser semente, ou seja, para realizar todo seu potencial, ela precisa deixar de ser semente. Pensando no grupo Meninas de Sinhá, foi necessário que as integrantes do grupo permitissem que a personagem “deprimida” morresse, mesmo sendo essa personagem que conseguissem representar naquele momento. A formação do grupo permitiu que as Meninas pudessem representar um novo papel: surgia, então, a artista. “Morre” a deprimida para “Nascer” a artista.

Segundo Ciampa (2007), o indivíduo não é algo pronto, mas sim um fazer-se constante. Fazer que acontece no mundo em que estamos inseridos e em conjunto com as pessoas com as quais convivemos. Tomando o materialismo histórico como referência teórico-metodológica, Ciampa (2007) pode afirmar que o homem deixa de ser impotente diante da realidade que lhe é apresentada para tornar-se o responsável pela transformação dessa realidade.

Ciampa (2007) destaca que nossa identidade se constitui pelos grupos dos quais fazemos parte. Podemos pensar em inúmeros grupos dos quais nem nos damos conta muitas vezes de que estamos inseridos. Entre eles, podemos citar alguns, como família, moradores de uma cidade, de um bairro, grupo de trabalho. Nesse sentido, a identidade é, para o autor, um processo essencialmente relacional.

Como seres de possibilidade, estamos constantemente fazendo escolhas. Nossas escolhas nos direcionam para aquilo que desejamos ser. “O ser humano jamais seria um ser acabado e nunca seria aquilo tudo que pode ser; estaria sempre diante de uma série infinita de possibilidades sobre as quais se projeta [...]” (Heidegger, 1999, p.7)

A tarefa da ontologia fundamental tal como proposta por Heidegger consiste em buscar o sentido do ser, partindo do ser-aí como o lugar no qual acontece historicamente tal sentido. Esse lugar baseia-se, por sua vez, no aí, no mundo e na inseparabilidade homem-mundo; portanto, não possui nenhuma determinação que se associe essencialmente a ele, justamente porque a única determinação consiste no caráter do poder-ser, sempre atravessado pelo horizonte histórico em que se encontra. (FEIJOO, 2011,p.34)

Na concepção de Ciampa (2007), mais do que a escolha que contribuirá para a transformação, é necessário, também, que haja empenho por parte da pessoa para que a transformação se concretize. A transformação só acontece quando existe ação. O sujeito deve abrir mão de permanecer substantivo ou adjetivo para tornar-se verbo, ou seja, ação. Através das ações surgem as possibilidades de encarar a vida de outro ângulo. As Meninas de Sinhá vão se transformando ao se fazerem outras. Ao agirem diferentemente da forma como estavam habituadas até então, aprendem a ser outras. Vão se transformando ao se fazerem verbo. “Ao aprender a ser outra, como que sai de si, torna-se outra, exterioriza-se na realidade. O subjetivo torna-se objetivo, e a recíproca também”. (Ciampa, 2007, p. 145)

Se antes não se viam como protagonistas da própria história, passam a assumir a autoria e a representação do que escolheram para si. Escolha que é constantemente sustentada pelas ações do cotidiano, ou seja, pelos verbos.

Na medida em que nos vemos em aberto e percebemos a ilusão e provisoriedade de nossas identificações, podemos nos apropriar de outras possibilidades e construir novas identidades, estabelecendo novas formas de lidar com o mundo e com os outros. (Rodrigues, 2008, p.44)

Ao fazerem novas escolhas, as Meninas de Sinhá conseguiram sair do lugar de tristeza e de depressão e passaram a se reconhecer como aquelas que levam a alegria, pois se tornaram artistas.

Em cada grupo ao qual pertencemos, assim como em nossas famílias, também temos nossas diferenças e igualdades destacadas. Somos diferentes dos demais membros, ao mesmo tempo em que o fato de participarmos do mesmo grupo acaba nos aproximando, de alguma forma. Representamos o grupo no qual estamos inseridos e também somos representados pelos demais integrantes.

Podemos pensar “Meninas de Sinhá” como um sobrenome para cada uma das integrantes do grupo, o que acaba aproximando uma das outras. Existem semelhanças que as aproximaram: frequentavam o mesmo lugar: Posto de Saúde; sofriam da mesma doença: a depressão; moravam na mesma comunidade: o Alto Vera Cruz; estavam em etapas da vida semelhantes: entre 50 e 90 anos; sofriam problemas parecidos em seus lares: desqualificadas, desvalorizadas, violência

doméstica. Tais semelhanças acabaram unindo essas mulheres na formação do grupo. O encontro possibilitou uma transformação na vida das integrantes. Ser filiada ao grupo Meninas de Sinhá traz novos atributos a essas mulheres: fizeram-se artistas. Abandonaram as visitas ao Posto de Saúde, em busca de acompanhamento psiquiátrico e psicológico, para passarem a realizar shows, gravar CDs, compor, tocar e dançar. Atualmente, a atividade das Meninas está relacionada à alegria, e não mais à tristeza. O grupo é visto hoje na comunidade como uma possibilidade real de transformação. Até mesmo os funcionários do Posto de Saúde encaminham mulheres com o diagnóstico de depressão para participarem do grupo, que é visto como algo terapêutico e auxiliar ao tratamento convencional. Antes, as integrantes buscavam remédio que aliviasse a angústia; hoje, criaram um grupo com atividades terapêuticas.

A identidade de deprimida vai aos poucos sendo substituída pela identidade de artista, transformação que é sustentada pela mudança de comportamento das integrantes e, principalmente, pelas atividades realizadas por elas, ou seja, pela ação. O fato de pertencer ao grupo Meninas de Sinhá enche de orgulho as integrantes, que gostam de ser reconhecidas mesmo quando não estão se apresentando ou caracterizadas com as roupas do grupo. Assim como a Severina de Ciampa (2007), que aprende a ser outra ao se fazer outra. As Meninas de Sinhá, através do encontro, também descobrem a possibilidade de se fazerem outras.

Ao visitar asilos, hospitais, presídios, creches e escolas, desenvolvem uma atividade que potencializa transformações nas identidades tanto do grupo como de cada uma delas, mas, além disso, tornam-se agentes de transformação da identidade do outro. Elas são testemunhas de uma possibilidade real de mudança, e, neste sentido, tornam-se objeto de identificação e idealização entre aqueles que visitam: doentes, idosos, presidiários e crianças.

Há uma visível valorização da transformação ocorrida na vida das Meninas de Sinhá, tanto entre as próprias integrantes do Grupo, quanto por parte da comunidade em geral. A transformação que experimentaram é vista como algo que deve ser compartilhado. Pretendem despertar outras pessoas para a própria experiência de transformação. Reconhecem-se hoje como missionárias da alegria, e seguem cumprindo essa missão.

Quando as Meninas de Sinhá se identificavam e eram identificadas na posição de deprimidas, não tinham ação, havia conformidade e passividade.

Atualmente, como artistas, elas se engajam em causas importantes para a comunidade onde vivem. Lutaram para conseguir asfalto, urbanização, água e esgoto, linha de ônibus no bairro. Em um dos encontros que tive com duas das integrantes que entrevistei, ao fazermos o trajeto até a casa de uma delas, elas foram relatando, com muita satisfação, as mudanças que aconteceram na comunidade, uma vez que elas reconheciam e eram reconhecidas como participantes ativas na produção dessas mudanças. “[...] *no final das contas a gente tá integrado com tudo*” (Madalena).

Saíram do isolamento provocado pelos quadros de depressão e se integraram em movimentos importantes, tais como as manifestações da Luta Antimanicomial, os movimentos pela prevenção e tratamento da AIDS, bem como a superação do preconceito contra os portadores do HIV.

A iniciativa da fundadora do grupo em reunir as mulheres da comunidade em torno de uma nova proposta acabou por transformar a história dessas mulheres. Se até então o conceito que tinham de si mesmas era de “deprimidas”, a formação do grupo parece possibilitar um novo encontro consigo, em que um lado artístico acaba por se desvelar e o quadro depressivo é superado com a criação de uma nova realidade. “Só quando a pessoa se encontra consigo mesma esse desassossego de grito rouco passa.” (Romero, 2001, p.169). Segundo Romero (2001) é justamente esse encontrar-se que permite ao sujeito vencer a depressão. O sujeito passa a se sentir à vontade no mundo que habita e seguro para lidar com as adversidades inerentes a nossa vida.

Para Rodrigues (2008), mesmo sendo potencialmente abertura, o ser humano muitas vezes tem tendência ao fechamento, desconsiderando sua possibilidade de transformação para acomodar-se nos estereótipos que lhe são atribuídos.

Mesmo encontrando dificuldade de conseguir reunir as mulheres no início da formação do grupo, a fundadora foi persistente. Ela se mostra diferente, por ter iniciativa, preocupar-se com o coletivo, mas também tem semelhanças com as demais integrantes do grupo. É moradora da mesma comunidade, está na mesma faixa etária, enfrenta problemas familiares parecidos. As semelhanças compartilhadas servem como facilitador na relação dessas mulheres. Ver um semelhante fazendo coisas que até então eu julgava impossível, abre possibilidades diferentes e me faz acreditar na possibilidade de transformação, assim como na minha possibilidade de realização.

Percebemos nos relatos das integrantes do grupo uma passividade anterior ao ingresso no grupo. Estavam conformadas em levar uma vida vazia de sentido, na qual a única ocupação era cuidar dos serviços domésticos, além de carregar o rótulo de velhas deprimidas.

“Elas achavam assim que ficou velha acabou, que elas tinham só obrigação de cuidar do marido, cuidar dos filhos, cuidar das, cuidar da casa, e não lembravam que elas também precisavam de cuidar delas, né!? Por isso que elas adoeciam” (Luiza).

A transformação/metamorfose na vida dessas mulheres acontece quando assumem a mudança, começam a agir, ou, como retrata Ciampa (2007), fazem-se verbo. Saem da passividade de frequentadoras do Posto de Saúde, diagnosticadas e medicadas, para descobrirem um trabalho criativo de resgate da cultura popular. *“Então de forma que elas mudaram completamente a vida delas. Pararam de tomar remédio [...]”* (Luiza)

Segundo Ciampa (2007), criamos nossas histórias ao mesmo tempo em que somos também personagens dessa história. A participação no grupo possibilita a construção (coletiva) de uma nova história. “Uma identidade aparece como a articulação de várias personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída por uma história pessoal.” (Ciampa, 2007, p.157)

“Nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” (Ciampa, 1989, p.64). A identidade, portanto é atividade. Neste sentido, as Meninas de Sinhá, ao se assumirem como artistas, sentem-se artistas, ou seja, há também uma metamorfose na percepção (consciência) de si mesmas. Para que o lado artístico possa manifestar-se, é necessário que o lado deprimido seja negado. “[...] a semente não permanece semente; para ser o que é, ela precisa ser negada [...]” (Ciampa, 1989, p.71). Este lado não desaparece, mas é transformado pelo outro lado que se desvela. É como se o “ser artista” passasse a se sobressair ao “ser deprimida”. Ao abordar as transformações na vida de Severina, Ciampa (2007) pergunta:

Quem é Severina? [...] todas e nenhuma. Porque ela é o movimento de concretização de si, que empiricamente se deu pelas personagens; mas concretamente ela não é nenhuma personagem (embora seja todas); cada uma destas é um momento do todo do seu movimento, que é ela. (Ciampa, 2007, p.228)

Os relatos das integrantes do grupo nos indicam que, antes do grupo, a vida delas estava pautada no cuidado do lar, filhos e marido, e nessa rotina de cuidados com os outros acabavam por esquecer-se de si mesmas. Ao iniciarem a participação no grupo, começam a colocar-se em primeiro lugar, atitude que nunca haviam se permitido. Passam, então, a assumir o cuidado de si mesmas, que anteriormente ficava em segundo ou terceiro plano, ou mesmo não existia.

Segundo Heidegger (1999), sacrificamos nossa individualidade ao nos sujeitarmos constantemente ao “eles” que nos oprime. Perdemo-nos em inúmeras solicitações e expectativas que são constantemente lançadas sobre nós pela sociedade em que vivemos, por nossos familiares, e muitas vezes por nós mesmos. São as representações dos inúmeros papéis que desempenhamos que muitas vezes vêm seguidos de um modelo ideal de como representá-los.

As mulheres que integram o grupo Meninas de Sinhá, como já vimos, são idosas, e o idoso em nossa sociedade é visto, muitas vezes, como um sujeito sem possibilidades, condenado a esperar passivamente o fim da vida. Invisíveis, o sofrimento do corpo e da alma torna-se uma forma de serem vistas, escutadas, reconhecidas, mesmo que isso aconteça através das queixas. Bosi (1994) ressalta que, em uma sociedade como a nossa, em que a mercadoria adquire um valor maior que os homens, a desvalorização dos idosos é frequente. O grupo acaba possibilitando um questionamento deste lugar de passividade e de sofrimento.

Ao se unirem em torno de um novo ideal, as Meninas de Sinhá recusam a representação de que o velho é aquele que não produz mais e está fadado a esperar pacientemente pela morte. Elas têm se recusado a se “identificar com essa alternativa que lhe é oferecida [...]” (Ciampa, 2007, p.28). No grupo, descobriram que as possibilidades continuavam diversas e as transformações não param de acontecer: abandonaram a medicação, estão aprendendo coisas novas (compor, tocar instrumentos), mudaram a relação consigo e com os outros, passaram a priorizar o cuidado de si em detrimento do cuidado dos outros. Para Ciampa (2007), “o homem é sempre uma porta abrindo-se em mais saídas. O humano é vir-a-ser humano” (Ciampa, 2007, p.36).

Em uma das entrevistas realizadas, a entrevistada relata as mudanças percebidas desde sua entrada no grupo. Ela narra que a sua família e a comunidade mudaram a forma de tratá-las: “*Passaram a tratar a gente como gente*” (Lúcia). Antes se sentiam tratadas como máquinas “*uma coisa que lava, passa, cozinha*”

(Lúcia). Como as tarefas domésticas eram executadas antes que alguém pudesse perceber a necessidade ou mesmo chegar a solicitar, como, por exemplo, colocar um botão que havia se soltado de uma camisa ou fazer bainha em uma calça, o trabalho não era percebido, muito menos valorizado. *“Não dá valor ao trabalho da gente”* (Lúcia). Os familiares haviam se acostumado a receber tudo na mão, não precisavam fazer absolutamente nada.

Relatam que sofriam com a desconsideração de seus familiares. Pelo fato do trabalho doméstico ser muitas vezes desvalorizado por parte da família, os afazeres eram sempre tratados como obrigação. *“Eram aquelas mulheres que davam tudo na mão, pro marido, pros filhos, né! “Oh, mãe, arrebitou aqui meu soutien”, ela ia consertar, e aquela coisa toda. Então elas mudaram isso. “Mãe, arrebitou meu soutien”. “Compra outro!”* (Luiza)

O grupo possibilitou a saída do contexto do lar, onde o trabalho doméstico aparece como algo invisível, sem nenhum valor, para conquistarem o mundo com um trabalho reconhecido e valorizado por onde o grupo passa com suas apresentações. Se antes estavam enclausuradas em suas casas, invisíveis para seus familiares, elas acabaram ganhando (literalmente) o mundo e saindo do anonimato. Saem da solidão e do isolamento para se relacionarem com outras pessoas. Primeiramente, a relação acontece com outras mulheres em situações parecidas dentro do próprio grupo. Esse universo de relações vai se expandindo cada vez mais, passando a se relacionarem com outros grupos culturais, outros artistas, outras culturas. Com a entrada no grupo, as integrantes relatam que perceberam uma mudança na forma como são tratadas pelos seus familiares: *“Até a família aprende muita coisa com a gente, porque vê o comportamento de outras pessoas e aí eles começam a perceber “Poxa, nós que somos da família não valorizamos, pessoas que são de fora valoriza...” Vem, abraça, beija e o pessoal se empolga, aí eles começam também a mudar a visão da coisa, o olhar, já não vê aquilo com simplicidade, achando que é coisa boba.”* (Madalena)

Atualmente, quando os familiares necessitam que elas realizem algum conserto, sabem pedir *“com todo jeitinho”* (Lúcia). Reconheceram o valor que tem o trabalho que elas realizam em casa. *“Oh, mãe, será que você pode?” Com todo jeitinho e tal [...] pra gente fazer bainha “oh, mãe, será que dá?” e fala com todo jeito, e agradece depois de pronto”* (Lúcia). Diante deste relato, fico me questionando se o que de fato modificou não foi a percepção que elas tinham de si mesmas. Será que

não foram elas que começaram a agir e se sentir como gente? Ao pensarmos a identidade em seu caráter dialético, vemos que o outro aparece como elemento fundamental no reconhecimento da identidade que vai sendo construída. A transformação acontece em um ciclo: eu transformo minha identidade, minha mudança atinge o outro, que muda também sua forma de agir. Nossas mudanças modificam também o mundo a nossa volta.

Podemos articular a experiência das Meninas de Sinhá com o atributo da atividade. Ciampa (2007) nos mostra que a identidade se revela nas atividades que os sujeitos realizam, uma vez que, na visão do autor, somos o que fazemos.

Ao modificarem a percepção que tinham de si, modificam também a visão dos outros em relação a elas. Ao me transformar, transformo também as pessoas e o mundo a minha volta. *“Mas então a gente vê, assim, que foi mudando... o olhar das pessoas pra gente, a valorização mesmo [...]”* (Madalena)

O reconhecimento por parte das pessoas ao redor é de fundamental importância para a afirmação da nova identidade de artista que está em construção. “O significado socialmente compartilhado define, explica, legitima a realidade – e a nova identidade.” (Ciampa, 2007, p.71). Necessitamos do outro para validar nossas mudanças, reconhecendo-as.

Em relato, a fundadora do grupo conta que, na primeira apresentação feita na comunidade onde vivem as integrantes, elas ficaram com vergonha de subir ao palco, comparavam-se com os outros grupos que se apresentaram no evento e se sentiam inferiores. *“[...] nós vamos ser vaiadas”* (Luiza). *“Tanta menina bonita lá em cima, vai subir essas velhas, eles vão vaiar a gente”* (Luiza). Superado o medo de enfrentar o olhar julgador da plateia que assistia às apresentações, subiram ao palco e foram aplaudidas com emoção. *“Aí uma delas, a pior, que falou que não subia de jeito nenhum, virou pra mim e falou “Viu, minha filha, nós somos artistas”* (Luiza) Os aplausos, que demonstravam a aprovação do público, foram fundamentais naquele momento. Segundo a fundadora, ela sentiu muito medo de que o público não gostasse da apresentação e chegasse a vaiar o grupo. Tinha medo de que tudo que haviam construído até aquele momento fosse destruído pela rejeição do público. *“Ai, meu Deus, depois desse silêncio, o que virá? Se vier uma vaia, o que eu trabalhei com essas mulheres até agora vai tudo de água abaixo.”* (Luiza)

O reconhecimento do público serviu de incentivo para que prosseguissem com as apresentações, além de abrir novas portas para que elas pudessem se

apresentar em outras festas e eventos. Sentiram-se mais autoconfiantes e estimuladas a prosseguirem com as apresentações.

Ter reconhecimento é algum tipo de poder. O lugar do reconhecimento é, em certos aspectos, o lugar do senhor. O do anonimato é o lugar do escravo. O lugar do reconhecimento é o lugar do gozo. O do anonimato o lugar da servidão. (Araújo, apud Cordeiro e Gomide, 2007, p.234)

Mesmo que o trabalho que estavam realizando já fosse por si só prazeroso para estas mulheres, o reconhecimento por parte dos outros é algo de fundamental importância. “É o outro que confirma e reconhece” (Araújo, 2011, p.8). O reconhecimento por parte dos outros serviu de motivação para que as mulheres continuassem com o trabalho.

Para Araújo, “o desejo de reconhecimento pode ser considerado um fenômeno humano universal que remete, originariamente, à alteridade, à intersubjetividade, enfim, remete à constatação elementar de que somos seres sociais” (Araújo, 2011). Precisamos do reconhecimento do outro.

[...] ao apropriar-se do objeto, transformando-o, o sujeito poderia, pelo menos parcialmente, ter saído de seu vazio, pois pode ver-se em sua obra, em seu trabalho. No entanto, ele continuará radicalmente carente, se não tiver um outro olhar para reconhecer sua obra.(Araújo,2011)

As integrantes do grupo frequentavam o posto de saúde da comunidade em busca de algum medicamento que resolvesse a dor da existência. Remédios que apaziguassem a angústia que sentiam ao deparar com as dificuldades da vida. Acabaram encontrando no grupo Meninas de Sinhá uma possibilidade de se “re-inventar”. Passaram a se sentir valorizadas pelo trabalho que faziam. O outro é personagem principal no encontro do sujeito consigo mesmo. O olhar do outro, de reconhecimento (mesmo que negativo) torna-se de extrema importância em nossa vida. O encontro pode ser visto como a possibilidade de se descobrir através do outro.

Acredito que a possibilidade de encontro, o olhar do outro, o reconhecimento, a possibilidade de realizar um trabalho no qual se reconhece, trabalho que segundo relato das integrantes representa a possibilidade de levar alegria para as pessoas, possibilitou a mudança na vida das integrantes do grupo. “Durante a velhice,

deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos.” (Bosi, 1994, p.80). Para a autora, engajar em um projeto que dê sentido à vida poderia ser um remédio contra “os danos do tempo” (p.80). Saíram de um lugar de passividade, onde buscavam a solução para seus problemas nos medicamentos, para a construção de uma vida criativa através do trabalho. Para Bosi (1994), se em algumas sociedades o trabalho construído pelo velho encontrará alguém para lhe dar sequência, em uma sociedade como a nossa essa continuidade do trabalho não existe. Para a autora, a sociedade industrial prejudica a velhice.

Além dos papéis que destacamos até agora, de deprimida e de artista, houve outros papéis que a comunidade designou para as Meninas. Foram rotuladas de macumbeiras, desocupadas, promíscuas. “[...] *falavam que a gente tava indo pro grupo pra arrumar homem*” (Madalena)

Os moradores da comunidade onde vivem não aceitavam o fato de um monte de mulheres priorizarem a participação no grupo aos afazeres domésticos. “*A lá aquela turma de velha vagabunda, aquela turma não tem o que fazer dentro de casa*” (Madalena). Um grupo de senhoras saindo de casa à noite para se apresentar em shows, ou viajando para outras cidades, era algo que fugia ao cotidiano e ao entendimento daquelas pessoas. “*Eles falavam que você tava chegando da noitada*” (Madalena). Na concepção daquelas pessoas, lugar de mulher, ainda mais na idade delas, era em casa, cuidando da família e das tarefas do dia a dia. “*Olha lá, não tem serviço não, olha se isso é hora de sair esse tanto de mulher sem ocupação em casa?*” (Madalena)

Vencer o preconceito e conquistar o respeito da comunidade e de seus familiares não foi tarefa fácil para essas mulheres. Lutaram muito por essa conquista. Apesar de romperem com uma série de preconceitos, ainda se submetem a dupla jornada de trabalho. Algo que foi introjetado pelas mulheres contemporâneas, que, apesar de saírem para o mercado de trabalho como os homens, ainda se sentem as únicas responsáveis pelo cuidado do lar.

“*Mas não sabe que você tinha levantado cedo, feito tudo, né?*” (Madalena)

“*Um tempinho só não vai fazer falta não, a roupa eu já lavei, a comida já tá pronta. Eu vou!*” (Lúcia)

O fato de se tornarem artistas não libera as mulheres do papel de dona de casa. Ao assumirem o papel de artistas, acabam se comprometendo com uma

jornada dupla de trabalho. Percebemos, nas entrevistas, que elas temiam que, se deixassem de fazer as tarefas de casa, poderiam dar motivos para que os seus maridos as proibissem de participar do grupo. Para conseguirem participar dos ensaios, esforçavam-se para dar conta do serviço doméstico, mesmo que fosse necessário ficar acordadas até mais tarde ou levantar mais cedo. *“Adiantava as coisas até de noite se fosse preciso.”* (Lúcia)

“você sabe que tem que ir e dar conta das obrigações, principalmente quando tem um homem chato. Você quer deixar tudo em dia pra não ficar devendo pra eles.” (Madalena)

Estas declarações mostram que, embora tivessem conseguido superar o estado de depressão e passassem a assumir uma nova posição como artistas, essas mulheres ainda não superaram a opressão doméstica em que vivem. A transformação que vivem coexiste com a conservação da posição de submetidas nas relações assimétricas que vivem com os maridos.

Em 16 anos de formação, o grupo passou por inúmeras dificuldades. Tendo iniciado seu trabalho em meio a vários pontos de depósito de lixo do bairro onde moravam, buscavam conscientizar os moradores da comunidade da importância de manter as ruas limpas, evitando fazer delas pontos de descarte de lixo.

Uma das entrevistadas ressalta *“Nós viemos do lixo”* (Lúcia), ao contar que aquilo que hoje pode parecer maravilhoso, por viajarem para o exterior, por se apresentarem com nomes conhecidos da música popular brasileira, por terem reconhecimento da mídia de forma geral como divulgadoras da cultura, não era maravilhoso no começo. *“Como se fosse só coisa boa (...) Que nós fomos até pro estrangeiro (...) Não lembra que nós ficava nos pontos de lixo pra conversar com as pessoas pra tomar cuidado”* (Lúcia). Foi um começo difícil em meio aos pontos de lixo do bairro. *“(...) aqui na esquina era um lixão, na rua Décio Tavares era outro lixão, aqui atrás da Associação outro lixão, jogava animais mortos (...) até que tinha aquela dona meio doida, comeu o frango podre. Era horrível. (...) a gente sofria muito fazendo esse trabalho.”* (Madalena)

O lixo é visto como algo sujo, desnecessário, sem valor, algo que deve ser descartado. Os relatos das integrantes do grupo demonstram que era assim que elas se sentiam, sentiam-se sem valor, desnecessárias e rejeitadas. Sentiam-se “lixo”, e foi justamente trabalhando nos pontos de lixo que iniciaram as atividades do grupo. Há atualmente uma conscientização sobre o destino do lixo que produzimos

e um incentivo para a transformação desses resíduos. Assim como o lixo pode ser reciclado e ganhar nova utilidade, as Meninas também se reciclaram, dando novo sentido para suas vidas.

O trabalho, que era desvalorizado e visto pela comunidade e familiares como algo sem valor e simples, ganha visibilidade e reconhecimento. Reconhecimento que chega primeiro através da mídia, para ir aos poucos vencendo a resistência dos moradores e familiares.

“Eles começaram a perceber, uma coisa que a gente vê com tanta simplicidade, com tanto desdém e tal, essa turma de macumbeira e tal. Aí eles já veem na reportagem ‘Nó, o grupo cultural, levou cultura em tal e tal lugar’, o pessoal aplaude, valoriza [...] sai no Estado de Minas” (Madalena)

“Hoje não lembra mais. Fica como se fosse só Meninas de Sinhá.” (Madalena)

Se antes estavam condenadas a uma vida vazia de sentido, a participação no grupo e a possibilidade de um trabalho estimulante possibilitaram uma guinada em suas vidas. Reconhecerem-se como artistas e serem reconhecidas como tal, com a missão de levar alegria para outras pessoas, descortinou uma nova realidade na vida dessas mulheres, que acabaram superando a depressão.

A fundadora do grupo Meninas de Sinhá reinventou a própria vida e a das integrantes do grupo. Galvão (2010), juntamente com um grupo de pesquisadores, desenvolvendo pesquisa com o grupo, colheu relato da fundadora em que ela narra sua trajetória de menina que sofreu com a perda dos pais, ainda muito nova, vítimas da tuberculose. Nesta ocasião, foi morar com a madrinha, tendo, no entanto, dificuldades para se adaptar. Ela conta que era muito “levada” e fugia de casa com muita frequência. Relata que frequentava vários aniversários e que, em um deles, realizado no Palácio do Governo, ficou encantada com a festa que era da Branca de Neve e os Sete anões. Nesta ocasião, ficou curiosa para saber o dia em que tinha nascido, mas sua madrinha não sabia lhe contar. Sabia apenas que tinha nascido no ano de 1940, mas não sabia falar o dia e o mês. Empolgada com a possibilidade de fazer sua própria festa de aniversário, acabou por escolher o dia 07 de setembro, Dia da Independência, por gostar dos desfiles que marcam a comemoração desta data. Destacamos aqui o simbolismo que acreditamos existir na escolha dessa data em particular. Data que representa a conquista de autonomia e o fim do domínio de Portugal sobre o Brasil, dia em que o então príncipe profere o famoso grito de “Independência ou Morte”. Para que pudesse realizar a festa que tanto desejava,

juntou dinheiro. Comprou doces e improvisou o bolo com uma caixa de sapatos. Convidou seus amigos e, enfim, conseguiu realizar o sonho de ter uma festa de aniversário. Assim como nosso nome, a família à qual pertencemos, o dia do nosso nascimento também é peça importante de nossa história. Para a fundadora do grupo, escolher uma data para comemorar seu aniversário talvez fosse uma forma de preencher uma lacuna da própria história, de sua identidade.

Ciampa (2007) destaca que a metamorfose pode também se mostrar como não metamorfose. Se até então o que o autor apresenta como algo predominante na identidade é o caráter de transformação, a não transformação também se mostra possível.

Para Ciampa (2007), os atores vivem as personagens e vão se transformando no decorrer dessa experiência. A impossibilidade de vivermos novas personagens nos impulsiona a repetirmos sempre os mesmos personagens. A impossibilidade de viver novas personagens direciona o ator para a morte, seja ela simbólica ou biológica. Severino, enquanto aguardava a morte biológica, que demorava a chegar, precisava representar sua identidade de alguma forma, ele precisava viver alguma personagem, independentemente de esta personagem ser, naquele momento, um moribundo ou um zumbi.

Neste contexto, podemos considerar a depressão vivida pelas integrantes do grupo como uma morte simbólica, na qual o sujeito vai aos poucos se desligando do mundo e das relações. Assim como o Severino de João Cabral, as Meninas, à espera da morte biológica, haviam se habituado a representar o papel de deprimidas. Para Ciampa (2007), o fato de não haver uma personagem para ser representada pelo ator pode levar ao surgimento de doenças.

A depressão aponta para uma perda de autoria da própria vida. Nos quadros depressivos, o indivíduo se desconecta das pessoas ao seu redor e do mundo, num processo de isolamento no qual a vida vai perdendo o sentido. Segundo Solomon (2001), a pessoa vai aos poucos perdendo a capacidade de se relacionar com os outros, até se ausentar de seu próprio mundo.

As integrantes do grupo, na impossibilidade de representarem novos personagens, haviam se conformado com a repetição da personagem que já estavam acostumadas a representar: da velha, dona de casa, abandonada, sem perspectiva, abatidas pela tristeza e pela depressão, esquecidas de si. Tal realidade transforma-se quando deparam com a possibilidade de representarem nova

personagem, possibilidade que chega com a participação no grupo. A nova personagem, ao contrário da anterior, é alegre, autoconfiante, senhora de si, artista. Destacamos alguns trechos das entrevistas que mostram esta metamorfose:

(Madalena)

“[...] a gente inverteu esse papel do lado triste para o lado alegre.”

“[...] a gente ficou mais forte.”

“E assim a gente viu que melhorou a autoestima de todo mundo.”

(Luiza)

“Elas começaram a cuidar delas mesmo. Elas começaram a sentir que elas precisavam de alguma coisa a mais do que ali o lar.”

Quando é que imaginariam que viajariam o mundo com o grupo, fazendo inúmeras apresentações, ao lado de nomes conhecidos da música popular brasileira e sendo aplaudidas pelo trabalho que realizam? A fundadora diz: *“Só sei que assim minha mãe sempre falava. Minha mãe de criação falava comigo assim ‘Tudo que a gente faz com amor, cresce. E realmente esse grupo eu fiz com muito amor. Deve ser por isso que ele tá crescendo’.* (sic)

Como o Severino descrito por Ciampa (2007), que migra para defender a própria vida daquela realidade em que a velhice chega antes dos trinta, e a Severina, que passa a interpretar a realidade de forma diferente, as Meninas de Sinhá constroem uma nova realidade onde conseguem encontrar vida. Vida que haviam perdido há muito tempo, ou, quem sabe, vida que não sabiam que existia. Já não é mais o universo do sofrimento psíquico que prevalece. Emergem novos significados para o mundo ao redor. O sentido de vida dessas mulheres passa a ser outro. Podemos dizer que migraram para um novo sentido para a vida, assim como Severino, segundo Ciampa (2007), migra para outra realidade.

Há uma nova construção de sentido para objetos, lugares e pessoas que participam da vida dessas mulheres. Elas abandonam o Posto de Saúde e passam a frequentar o Centro Cultural da Comunidade, que até então não tinha nenhum significado na história de vida delas. A nova realidade não era algo que estava construído, posto de antemão. Elas tiveram que construir pedaço por pedaço essa nova realidade, e continuam construindo, pois esta é uma construção sem fim.

Em sua trajetória, Severino acaba por encontrar um grupo que valoriza a vida, e o faz mudar a concepção que tinha a respeito do que é viver. Acreditava que viver era apenas esperar pacientemente pela morte. Ao presenciar, no vilarejo onde

estava, o nascimento de uma criança e a celebração deste nascimento por parte da comunidade, Severino parece criar novas possibilidades para si mesmo, que vivia esperando a morte. Este momento parece despertar Severino para a vida.

[...] encontrar um grupo com esses valores é encontrar vida. Num grupo assim, pode-se supor, cada indivíduo reconhece no outro um ser humano e é assim reconhecido por ele – sozinhos certamente não podemos ver reconhecida nossa humanidade, conseqüentemente não nos reconhecemos como humanos. (Ciampa, 2007, p.38)

No posto de saúde da comunidade que as Meninas frequentavam “nada distingue, nada singulariza” (Ciampa, 2007, p.22), até que surge a fundadora do grupo, com a proposta de se reunirem para compartilhar os sofrimentos e os conhecimentos, e acena com a possibilidade de se fazerem verbo. Misturadas na série, não possuem singularidade, são apenas mais um doente no Posto de Saúde, esperando atendimento médico.

A condição de frequentadoras do posto de saúde apontava o tempo todo para a doença, para a falta, para morte, e o grupo aparece como “forma de defender a vida, de encontrar vida” (Ciampa, 2007, p.27). O grupo surge, neste contexto, como possibilidade de fugir do sofrimento imposto pela realidade em que viviam e descobrir novas possibilidades para a vida. As histórias, antes apagadas de sentido, podem ser agora reescritas, construindo-se um novo projeto de vida.

Estamos constantemente nos modificando e, conseqüentemente, transformando o mundo à nossa volta. São inúmeras as mudanças que podemos observar na vida das integrantes do grupo no decorrer da pesquisa. Destacamos a mudança na autoestima, na postura diante da família, no conceito que possuem de si, na forma de encarar os problemas do cotidiano. Entre outras mudanças que percebemos através dos relatos colhidos, destacamos alguns trechos:

“Por que você vai arrumar pra ficar dentro de casa no fogão, cozinhando ou lavando roupa?” (Madalena)

“Eu comecei a sair e chegar em casa e me arrumando.” (Lúcia)

Guareschi (2002) destaca as três principais formas de concepção do ser humano. A primeira delas considera o ser humano como indivíduo, ou seja, como indivisível, uno e também separado de todo o resto. A segunda concepção, apresentada pelo autor, é divergente da anterior e considera o ser humano como

“parte do todo”. Nesta visão, o homem não é considerado em toda sua importância. A segunda visão foi adotada por inúmeros regimes totalitaristas e fascistas. Ambas as visões são extremistas. Uma terceira visão é apresentada pelo autor, ao citar Agostinho de Hipona. O filósofo apropria-se do conceito de pessoa para dizer do ser humano. Para o filósofo, a pessoa é relação, “[...] alguém que é um, que constitui uma unidade, mas ao mesmo tempo não pode ser em completude sem os outros; para ser, ele necessita intrinsecamente dos outros” (Guareschi, 2002, p.153)

A relação com as outras integrantes do grupo possibilita uma troca de experiências. Saem do isolamento social para, juntas, construir uma realidade diferente da experimentada até então. Para Ciampa (2007), as relações sociais nos transformam. Nós nos fazemos sujeito através das relações que estabelecemos com os outros. “[...] somente a mediação do outro permite ao eu refletir sobre si mesmo e tornar-se objeto do saber” (Arruda, 2002, p.13).

Assim como Guareschi (2002) e Ciampa (2007), Buber (1979) também ressalta a relação como algo essencial na vida do sujeito. O autor fará uma distinção entre duas possibilidades de encontro. A primeira delas diz do encontro EU-TU, encontro que acontece na “reciprocidade e na confirmação mútua” (Buber, 1979, p.46). A segunda possibilidade de encontro é descrita pelo autor como algo objetivante, em que o outro não é considerado em sua singularidade. Neste tipo de relação, denominada pelo autor de EU-ISSO, o outro é visto apenas como objeto, não sendo considerado em sua singularidade.

Buber (1979) considera a existência do EU possível apenas na relação com o TU. A existência do EU se torna impossível sem a presença do TU, ou seja, o EU não existe isolado do TU. “O EU não existe a não ser na relação” (Buber, 1979, p.49)

Ao entrarem no grupo, encontram a possibilidade de reassumirem a autoria das próprias vidas, pois até então agiam apenas como personagens.

O conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente com sua história, suas tradições, suas normas e seus interesses, etc. (Ciampa, 1989, pag.64)

A entrada no grupo representa um marco na vida das integrantes, que abandonam a representação da personagem deprimida para passarem a

representar o papel de artistas. Esta personagem é socialmente valorizada. O grupo contribui consideravelmente para essa transformação.

A Severina de Ciampa (2007) se questiona como transformará o ambiente se não se transformar primeiro. As Meninas de Sinhá, ao se transformarem, ou seja, quando começam a se perceber diferentes daquilo que estavam acostumadas até então, conseguem também transformar o olhar de suas famílias e da comunidade.

A narrativa das integrantes do Grupo Meninas de Sinhá, analisada à luz das categorias da metamorfose e da atividade, propostas por Ciampa, nos permitiu destacar o processo de mudança daquelas mulheres. É interessante observar como o sentido de alguns verbos, ou seja, de algumas ações, ganham sentidos distintos ao longo de suas trajetórias. Destacamos a seguir alguns verbos que marcaram as atividades passadas e os verbos que mostram as atividades atuais das integrantes:

Frequentar

Frequentar o Posto de Saúde

Frequentar o grupo

As integrantes do grupo deixam de frequentar o Posto de Saúde frequentemente, pois passam a frequentar o Grupo Meninas de Sinhá. O Posto de Saúde não preenche a ausência de contatos sociais, as amizades, os espaços de construção coletiva. Atualmente elas vão ao Posto para as avaliações periódicas de saúde, como pessoas que se cuidam. Antes de se filiarem ao Grupo Meninas de Sinhá, eram tratadas no Posto como mais uma doente, um número nas estatísticas, estavam em uma posição passiva.

Hoje elas frequentam o Grupo, são as responsáveis pelo sucesso do grupo, nos ensaios são indispensáveis. Cada uma com a sua singularidade e habilidade compõe o todo, é parte do todo e o todo é identificado e internalizado por cada uma, ou seja, reconhecem o grupo e são reconhecidas por ele. Nesse sentido, contribuem para o resultado das apresentações, que significam o resultado do fazer grupal.

Marcar

Marcar consulta

Marcar apresentação do grupo

Saem da passividade de pacientes submetidas às agendas do Posto de Saúde para se tornarem autônomas, negociando suas próprias agendas de apresentação em shows por todo Brasil. A transformação se sustenta pela ação das integrantes, que vão pouco a pouco não sentindo mais a necessidade da medicação

que utilizavam. Deixam de marcar consultas para agendarem apresentações. Deixam de esperar que o outro tenha a solução para seu sofrimento. Hoje se sentem realizadas com as apresentações e os trabalhos sociais *“eu ainda consigo que alguém seja feliz, que às vezes esqueça de algum problema dele também...”* (Madalena)

Tomar remédio pela depressão

Cantar e dançar pela alegria

Se antes só conseguiam dar conta das atividades do dia a dia e do sofrimento amparadas pela medicação, a interação grupal e as novas atividades vão aos poucos suprindo a necessidade da medicação. Quando começaram a frequentar o grupo, tinham dificuldade para participar das atividades, pois, segundo a fundadora, o excesso de medicação deixava as mulheres sonolentas, e, apesar de estarem presentes nos ensaios, não conseguiam realizar todas as atividades. *“Ficava lá e tava cochilando de tanto tomar remédio”* (Luiza). Ela acreditava que terem conseguido abandonar o uso de medicamentos contribuiu muito para a qualidade de vida *“Isso aí melhorou mais a vida delas. Ficaram mais espertas ainda.”* (Luiza) Eram *“pessoas muito deprimidas”* (Marina) e hoje se sentem emissárias da alegria, *“a gente mudou esse lado para a alegria”* (Madalena).

Atualmente não necessitam mais dos medicamentos para aliviarem as dores da alma. Descobriram, através do grupo, um novo sentido para a vida. As tristezas e decepções não desapareceram da vida delas, no entanto, elas conseguem conviver com os sofrimentos de uma forma mais tranquila.

Ser sozinha

Ser com os outros

Antes de participarem do grupo, essas mulheres sentiam-se sozinhas e isoladas. Imersas em seu sofrimento, sem visualizarem uma saída para os problemas cotidianos que as afligiam, acabaram adoecendo. A fundadora conta que elas estavam sempre reclamando para ela *“Fico muito sozinha dentro de casa, os filhos casaram, saíram e eu fico triste”* (sic).

A transformação acontece a partir do encontro. A possibilidade de compartilhar seu sofrimento e descobrir que o outro também sofre, e, mais que isso, sofre problemas parecidos, vai me fortalecendo e me auxiliando a conviver com os meus problemas. A superação do outro serve de motivação. *“as experiências de outras relações do grupo com outros grupos que a gente vê, a gente aprende a*

passar por cima e não dar tanta importância e não sofrer tanto” (Madalena). “A troca de assunto, a convivência, o bate-papo tava ajudando as pessoas a entender melhor a situação.” (Madalena)

A partir do grupo, tiveram a oportunidade de conviver não só entre elas, mas também de conviver com outros grupos, até de fora do país, compartilhando outras culturas. Poder compartilhar o próprio sofrimento as auxilia a enfrentar os problemas de forma mais madura, segundo relato.

Adoecer

Brincar

O adoecimento do corpo e da alma vai dando lugar às brincadeiras de infância que elas passam a resgatar. No início da formação do grupo, as brincadeiras não estavam presentes. Elas se encontravam para fazer trabalhos manuais. A fundadora do grupo tinha a sensação de tirar essas mulheres de casa para continuar trabalhando. Mesmo com todo o sofrimento vivido por elas, física e mentalmente, após a entrada no grupo passam a questionar se realmente estavam doentes. Algumas chegaram a afirmar que a doença não existia. Segundo a fundadora, uma delas chegou a afirmar que *“não tava doente nada, era coisa da minha cabeça” (sic).*

“Aí ela (a fundadora do grupo) começou a perceber que as senhoras não estavam doentes, elas estavam com baixa estima, baixa autoestima.” (Madalena)

De acordo com a fundadora do grupo, partiu das próprias integrantes o desejo de brincar. Elas haviam iniciado a expressão corporal quando começaram as brincadeiras *“oh, gente, a gente podia brincar.” (sic)* *“Aí a gente começou a fazer brincadeira infantil, rastejar no chão, brincar de cobra, rouba bandeira, passa-anel, coelhinho na toca, daquelas brincadeiras infantis” (sic)*

Muitas dessas mulheres não tiveram a chance de brincar quando crianças. Tiveram uma infância marcada pela pobreza e pelo abandono, e se viram obrigadas a trabalhar muito cedo.

Ficar

Viajar

As integrantes do grupo viviam fechadas em casa, consumidas pelo trabalho doméstico, imersas em si mesmas, sofrendo caladas pelos problemas que viviam.

“Eu era uma menina que não ia a lugar nenhum [...]” (Lúcia)

Uma das entrevistadas, mãe de 11 filhos, mesmo quando era convidada para alguma festa, não ia. Quando sobrava tempo, faltavam outras coisas, como roupa e sapato. A irmã dela reforçou, durante a entrevista, que *“não participava de nada, virou antissocial”* (Madalena).

O grupo surge como possibilidade de sair de si, de sair de casa, da comunidade, da cidade e, por fim, de sair do país. *“Nós fomos até pro estrangeiro agora, né?”* (Lúcia) Hoje viajam por vários lugares, divulgando o trabalho do grupo. Nas viagens, descobrem um mundo novo, se encantam com o trabalho de outros grupos. Em relato, uma delas conta a viagem que fizeram para o Vale do Jequitinhonha, para um encontro de parteiras, benzedeiras, raizeiras *“(…) então assim você vai conhecendo muita coisa.”* (Madalena)

“aí agora a gente foi para a Polônia, foi o festival internacional de música, conheceu gente de vários países mesmo, a cultura de vários países, os costumes, né?” (Madalena)

Esconder

Mostrar

As integrantes do grupo não se sentiam valorizadas pelos familiares. O trabalho doméstico, assim como quem o realiza, não tem o valor devido. *“Não dá valor ao trabalho da gente”* (Lúcia). Eram invisíveis em suas casas. Não cuidavam de si.

As apresentações surgem como possibilidade de transformação. Ter que sair de casa para as apresentações fez com que elas passassem a cuidar mais de si. *“Por que vou sair pra rua toda mal arrumada? Então dava um gel no cabelo. Vestia uma roupinha mais limpa”* (Lúcia). Para elas, as apresentações serviram como estímulo para cuidarem mais de si, melhorando a autoestima. O reconhecimento do outro contribui para que elas comecem a se valorizar, a transformar a própria vida através da arte.

4. AS MENINAS DE SINHÁ NA CENA DA PESQUISA

A pesquisa com o grupo Meninas de Sinhá foi guiada pela metodologia qualitativa que nos possibilitou o conhecimento da realidade através de relatos dos próprios indivíduos do grupo. Segundo Spindola, apoiada por Polit (2003), na pesquisa qualitativa o que verdadeiramente terá importância é o conhecimento que se obtém a partir do relato da experiência pelos próprios indivíduos.

A pesquisa qualitativa prioriza a experiência vivida em detrimento de quantificações que excluem as vivências, crenças e valores dos sujeitos. O pesquisador privilegiará a compreensão. Minayo (1996) destaca a impossibilidade de quantificar os fatos humanos, visto que esses possuem sentido próprio. Neste tipo de pesquisa, a visão do sujeito é de fundamental importância para a construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, não há neutralidade, sendo a relação entre pesquisador e o sujeito pesquisado de fundamental importância, uma vez que essa é a base para a construção do conhecimento. Uma das principais características da pesquisa qualitativa é a proximidade do pesquisador com o pesquisado, que, ao contrário de ser vista como algo negativo, é considerada positiva, pois permite uma maior proximidade com o campo de pesquisa.

A pesquisa qualitativa objetiva compreender

[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização. (MINAYO, 1996, p.21)

De acordo com Paulilo (1999), o principal campo das pesquisas qualitativas é aquele que não pode ser captado por hipóteses perceptíveis e comprováveis, bem como não pode ser quantificado.

Na realização desta pesquisa, utilizamos entrevistas para buscar compreender, por meio da perspectiva das participantes, os traços identitários das integrantes do grupo, bem como os elementos que concorreram para as mudanças ocorridas no grupo no decorrer dos anos, além de nos orientar em relação às

transformações na história das próprias integrantes e a relação dessas transformações com sua participação no grupo.

Além das entrevistas, objetivando compreender as interações entre as participantes do grupo, realizamos observações durante alguns ensaios que aconteceram no Centro Comunitário do Alto Vera Cruz. Assistimos também às aulas de expressão corporal e acompanhamos o grupo em duas apresentações realizadas na cidade de Belo Horizonte. Esses encontros foram visualmente registrados através de fotografias.

Olhamos para fotografias para resgatar o passado no presente. Tiramos fotografias para não apropriar do objeto que desaparecerá. Existe uma magia quando imortalizamos as pessoas e o tempo nas fotos. (ANDRADE, apud BONI; MORESCHI, 2007, p.49)

Utilizamos a perspectiva qualitativa da análise de conteúdo para compreensão das narrativas das integrantes do grupo Meninas de Sinhá. A análise de conteúdo é definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p.31). Segundo Bardin (1977), esta técnica precisa ser inventada a cada momento.

Moraes (1999) destaca que a análise de conteúdo pode ser utilizada para ler e interpretar o conteúdo de vários tipos de documentos. Quando esses são analisados de maneira adequada, podem nos possibilitar um conhecimento da vida social que não conseguiríamos de outro modo. Neste método de análise, a indução e a intuição, segundo o autor, auxiliam a atingir uma melhor compreensão dos dados analisados.

Os relatos das integrantes do grupo foram gravados com o consentimento das mesmas, sendo os depoimentos transcritos e posteriormente organizados em categorias de interesse para análise do conteúdo. O material registrado durante os ensaios e apresentações do grupo Meninas de Sinhá também serviu de objeto para análise.

4.1 Contato com o Campo de Pesquisa

No meu primeiro contato com o grupo, a fundadora relatou a história da formação do mesmo e de seu esforço para conseguir reunir as integrantes. Essas informações iniciais foram importantes para a construção do projeto de pesquisa. Tal projeto foi apresentado e aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa, da PUC Minas.

4.2 Observação

Os encontros do grupo acontecem todas as manhãs de sexta-feira no Centro Comunitário do bairro Alto Vera Cruz, ocasião em que as integrantes se reúnem para ensaiar o repertório de shows. Os ensaios são muito lúdicos, todas parecem se divertir com as cantigas e coreografias. Além dos ensaios, elas fazem expressão corporal às terças e quintas, e aula de teatro às segundas. Essas atividades não são restritas às integrantes do grupo, acontecem em espaço público, e qualquer pessoa da comunidade pode participar. A participação nessas atividades não é obrigatória, ficando a critério de cada uma os dias em que participará. Apesar de não haver nenhum regulamento em relação às participações, pareceu-me haver um controle por parte das próprias integrantes, que “vigiam” e cobram daquelas que não participam das atividades do grupo.

Em um dos ensaios no qual estive (24/08/2012), chamou-me a atenção o fato de a integrante mais velha do grupo, com 93 anos, estar presente, apesar de uma conjuntivite. A doença não foi empecilho para que participasse do ensaio de forma ativa, dançando e cantando. Em contrapartida, outra integrante passou todo o ensaio sentada, apenas observando o grupo. Fui informada posteriormente de que ela havia perdido a filha recentemente e que estava retomando os ensaios naquela ocasião. A integrante que relatou o fato pareceu reprovar a atitude da colega, pois percebe a participação nos ensaios como uma forma de “*tocar a vida*” (sic) e superar as dificuldades do cotidiano. Ela cita como exemplo outra integrante, que havia perdido o irmão e a cunhada em um acidente de carro, na semana anterior, estava com a sobrinha de apenas um ano em estado grave no CTI, e que, apesar disso, havia participado do ensaio ativamente.

No início, a fundadora do grupo não estava presente, chegando quase ao final do ensaio. Apesar de o mesmo ter transcorrido de forma tranquila, a chegada da fundadora notadamente faz toda diferença. Ao contrário das outras integrantes, que parecem se concentrar em suas funções, ela se preocupa com os detalhes que contribuem no contexto geral da apresentação. Ela corrige movimentos da coreografia, dá sugestões sobre a forma de tocar determinado instrumento, pede para repetir a música quando acha que pode ficar melhor. Em uma das músicas, ela pediu para que tocassem o tambor com “*repique*”, e que estava muito lenta, sugerindo que fosse mais “*acelerada*”.

Ao assistir a um dos ensaios do grupo, ocasião em que a fundadora, pessoa com a qual tive contato no início do processo e que estava informada dos objetivos da minha pesquisa, não estava presente, conheci uma das integrantes que participou da pesquisa, pois foi uma das entrevistadas. Madalena¹ participa do grupo desde sua formação, mas conta que esteve afastada por dois anos, quando o pai esteve doente e precisava de cuidados constantes por parte da família. Ao contar os objetivos de minha pesquisa e o perfil das integrantes que pretendia entrevistar, ela logo se prontificou a participar, identificando-se como uma das integrantes que está no grupo desde sua formação. Fui surpreendida pela forma como ela chegou ao grupo, talvez por ter criado um estereótipo das mulheres do grupo a partir das informações de sua fundadora. Ao contrário de outras integrantes, que frequentavam o Posto de Saúde do bairro para tratamento psiquiátrico e psicológico, e haviam sido convidadas pela fundadora para participarem do grupo, essa mulher trabalhava juntamente com a fundadora em uma instituição pública. Começou a frequentar o grupo por iniciativa própria, pois já tinha interesse em se envolver com algum trabalho de grupo. E o fato das reuniões acontecerem no local onde trabalhava facilitou sua participação.

A primeira conversa aconteceu em um ensaio, ocasião em que foi muito receptiva, mostrando-se disponível para relatar sua história, pois, segundo ela, estava no grupo desde sua fundação. Após um dos encontros em que o grupo fez expressão corporal, encontrei-me novamente com a integrante na Praça do Posto de Saúde, para que pudéssemos conversar. Ela me pareceu surpresa quando a convidei a contar sua história. Parecia que esperava uma entrevista dirigida e, além

¹ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

disso, achava que meu interesse era apenas no grupo. Seu relato inicia-se com a história de formação do grupo e de como ela passou a integrar o mesmo.

A integrante acredita que o grupo a auxiliou a passar por problemas como a morte do pai, AVC e morte de uma sobrinha, morte da mãe, doença do filho, de forma mais tranquila, pois, além de conviver com outras participantes que passam por sofrimento maior, ainda tem oportunidade de realizar trabalhos sociais em instituições em que depara com abandono e muito sofrimento.

Relata que, nos momentos mais difíceis que atravessou, pôde contar com o apoio do grupo. Chegou a fazer apresentações em que chorava enquanto cantava. *“Logo que eu separei mesmo eu não deixei de participar do grupo um dia, eu ia e as lágrimas tavam escorrendo. [...] então a gente tava lá no palco cantando e as lágrimas escorrendo. E eu ainda consigo que alguém seja feliz, que às vezes esqueça de algum problema dele também. Eu tô conseguindo contribuir pra isso, é muito gratificante.”* Madalena ficava feliz em saber que, apesar de seu sofrimento, estava levando um pouco de alegria para outras pessoas.

A segunda entrevista, também realizada após as atividades do grupo, aconteceu na casa da irmã da entrevistada. A integrante do grupo Meninas de Sinhá relatou momentos marcantes de sua infância, contou sobre as brincadeiras, sobre suas travessuras, sobre a religiosidade, dentre outros.

A segunda participante do grupo que nos concedeu entrevista, Marina, recebeu-me em sua casa. Durante o tempo em que estive realizando a entrevista, acontecia paralelamente um curso de artesanato. Algumas mulheres se reuniam para aprender a fazer bolsas e outros objetos, reaproveitando garrafas pet. A entrevistada contou sobre sua entrada no grupo e a importância que possui a música em sua vida. Vinda de outro estado, mora em Belo Horizonte há aproximadamente 30 anos, sendo que boa parte de sua família de origem ainda mora em outra cidade. Conta que sempre quis entrar para o grupo, no entanto, não sabia como. Ao participar de um curso para aprender a tocar violão, encontrou algumas integrantes do grupo Meninas de Sinhá, que acabaram a convidando para fazer parte do grupo.

Seguem, a partir deste ponto, as categorias de análise dos relatos coletados. Os relatos foram obtidos no meu primeiro contato, na entrevista que realizei com a fundadora do grupo, bem como nas entrevistas com a integrante que está há mais tempo e com a integrante que está no grupo há menos tempo.

Apesar de a intenção inicial ser a de trabalhar com história de vida, no primeiro encontro com uma das entrevistadas sua irmã estava presente. Durante boa parte da entrevista, também relatou experiências próprias, pois também faz parte do grupo. No segundo encontro, novamente a entrevistada precisou acompanhar a irmã até a casa dela, para ajudá-la a receber os agentes de saúde que fariam uma visita ao marido, que está acamado há vários anos. Fui convidada a acompanhá-las, para que pudéssemos conversar na residência da irmã. Mais uma vez, a irmã da entrevistada lembrou-se de fatos que ambas haviam vivenciado.

4.3 . Categorias para Análise dos Dados

4.3.1 O Mito fundador do grupo

Nos relatos da fundadora do grupo e das integrantes que entrevistei, percebemos um discurso parecido em relação à fundação do grupo. Existe um padrão nas narrativas de como o grupo se constituiu para *“tirar as mulheres do Posto de Saúde e auxiliá-las a vencer a depressão, resgatando a autoestima”*. Percebemos que após mais de 15 anos de constituição o grupo hoje apresenta moldes diferentes, tendo se tornado um grupo cultural, no entanto, ainda é visto por suas integrantes através desta perspectiva de salvação. Considerando que nem todas as mulheres chegaram ao grupo por este motivo.

“Lá eu vou falar todo mundo que vai pra lá é que já tiveram problema, eu graças a Deus nunca tive muito problema em casa não. Eu fui pra lá porque eu gosto né. Mas tem muitas lá que foram porque eram doente e tomavam remédio controlado e sentiram melhor lá” (Marina)

Mesmo percebendo esta mudança, ainda existe no imaginário coletivo a visão de que o grupo destina-se a mulheres com sofrimento psíquico. Segundo relato algumas das integrantes chegaram ao grupo, por indicação do Posto de Saúde e do CRAS, que continuam encaminhando mulheres que acreditam encaixarem no antigo perfil das integrantes: mulheres deprimidas, usuárias de antidepressivos e ansiolíticos.

“O médico mandou uma mulher que tava com depressão, acho que quando manda assim dos Posto assim, aí eles colocam” (Marina)

Os constantes encaminhamentos parecem gerar alguns conflitos dentro do grupo. Parte das integrantes acredita que o grupo deve continuar acolhendo todas as mulheres interessadas em participar, outras, em contrapartida, defendem que não possuem estrutura física para receber todas essas mulheres. O espaço que utilizam para os encontros não comportaria um número grande de pessoas, o que inviabiliza que a participação no grupo seja liberada.

As mudanças do grupo sugerem uma crescente profissionalização. Os encontros parecem ter a única finalidade de ensaiarem o repertório das apresentações. O grupo parece não dispor mais de um momento para conversar, para trocar experiências, o que era a proposta inicial.

Diante de algumas mudanças, provavelmente relacionadas a essa profissionalização, parecem surgir alguns conflitos internos que, na maior parte das vezes, são solucionados pela atual produtora cultural. Esta, além de buscar oportunidades e patrocínios para que o grupo possa se apresentar, faz também o papel de mediadora, ajudando no enfrentamento dos referidos conflitos.

Atualmente o grupo tem se reunido para trabalhar na criação de um estatuto que, segundo relato da entrevistada, é considerado um instrumento para evitar os conflitos. O estatuto busca definir de forma mais clara participação em apresentações nas quais apenas uma parte do grupo é “contratada”, por exemplo. Em várias apresentações em que são convidadas a participar, não há recurso para que todas as integrantes estejam presentes, limitando a participação, sendo esse um dos principais motivos para a criação de regras, visto que algumas integrantes parecem se sentir excluídas. Aquelas que tocam instrumentos parecem ser privilegiadas quando se trata de apresentações em que apenas uma parte do grupo poderá estar presente, visto que a música é parte essencial das apresentações.

Segundo relato, por se tratar de um grupo de idosas, hoje um dos critérios utilizados para escolher quem irá compor o grupo em caso de viagens é a boa condição de saúde, além da facilidade de locomoção e habilidade para falar do grupo em caso de entrevistas. Como exemplo da dificuldade de se deslocar com o grupo, uma das entrevistadas citou a viagem que fizeram recentemente à Polônia. Ao todo, conseguiram patrocínio para onze pessoas, das quais nove eram integrantes do grupo. Com elas, viajou a produtora do grupo e uma intérprete. Das dificuldades enfrentadas, foram citadas: dificuldade das integrantes do grupo para se deslocarem nos aeroportos; não conseguirem carregar as próprias bagagens;

problemas para identificarem seus lugares, pois algumas são analfabetas; dependência da companhia das outras, pois podem se perder; alimentação restrita em função dos problemas de saúde que acabam se tornando um problema em lugares de hábitos alimentares diferenciados, dentre outras. Nessas ocasiões, as mais jovens e saudáveis ajudam as outras.

4.3.2 O grupo como espaço terapêutico

O grupo é visto como um espaço terapêutico por suas integrantes. Os relatos trazem exemplos de dificuldades pessoais que as participantes conseguiram superar ou vivenciar de maneira mais tranquila após entrar no grupo. As integrantes apontam o fato de poderem compartilhar suas experiências com pessoas que têm problemas parecidos ou piores que os seus, ajudando-as a conseguir encarar de forma mais tranquila as adversidades. Apontam também os trabalhos sociais que realizam e as condições difíceis que encontram algumas instituições.

As falas abaixo foram retiradas da entrevista realizadas, e demonstram a percepção que a entrevistada tem do grupo como espaço terapêutico.

“Você acha que tem problema, que seu problema é maior que de todo mundo. Você acha que é só você que tem problema.” (Marina)

“A gente ficou mais forte pra aprender. Os problemas continuam, todo mundo continua com os mesmos problemas [...] mas a gente aprendeu a conviver com os problemas de forma mais amena, sem sofrer muito, né?” (Madalena)

“Pra aguentar essa barra, se a gente não tivesse suporte da convivência, do aprendizado que a gente teve, não sei se a gente aguentaria.” (Madalena)

“Eu costumo falar que pra mim o grupo Meninas de Sinhá é uma terapia, um oásis que quando você tá morrendo sedento você vai lá saciar sua sede, vai reabastecer para continuar. Porque quando você vem pro grupo, tá triste, você canta, diverte, troca papo, aí você volta pra casa mais fortalecida.” (Madalena)

“Às vezes tá chateado, vai pra lá, junta todo mundo pra cantar, aí pronto, acaba tudo” (Marina)

“Ajuda demais. Porque sempre, assim, uma comenta com a outra, desabafa né, escuta uma o que a outra tem de falar, e sai, vão cantar” (Marina)

“Esse grupinho ensina a gente a viver, né? Cada dia mais a gente vai aprendendo com as outras, vendo o sofrimento que elas já passaram, que às vezes passam ainda, que ainda tem gente lá que ainda tem problema em casa.” (Marina)

4.3.3 O grupo na história das mulheres e as mulheres na história do grupo

O grupo Meninas de Sinhá aparece na história de vida das integrantes como um marco: a partir da participação no grupo percebem uma mudança significativa em suas vidas. Entre as mudanças, os relatos apontam para uma transformação da autoestima.

“[...] foi uma coisa muito boa que levantou a autoestima de todo mundo.”
(Madalena)

As apresentações e a projeção que o grupo foi conquistando contribuíram para que as mulheres passassem a cuidar mais de si mesmas.

“Todo mundo de cabelo branco, aquela pituquinha [...] igual uma velha mesmo, umas bruxinhas.” (Madalena)

Estavam apagadas, aprisionadas em seus afazeres domésticos, sentindo-se máquinas, objetos. A participação no grupo parece ter desvelado um mundo novo. Mundo onde conseguem reconhecer seus valores.

“Você é uma coisa que passa, lava e cozinha.” (Lúcia)

“Não dá valor ao trabalho.” (Lúcia)

O fato de se preocuparem mais com a aparência acabou despertando os ciúmes dos maridos, que não aceitavam o fato de elas estarem mais vaidosas.

“Aí começou: tem que sair [...]. Aí é lógico que todo mundo quer se arrumar. Passar um batom, arrumar o cabelo, fazer as unhas, tá com umas roupas mais bonitinhas. Aí as mulheres começaram a ficar mais vaidosas.” (Madalena)

As transformações não se restringem à vaidade. O sofrimento do corpo e da alma dão lugar a autoconfiança e alegria.

“A gente olha pra uma e lembra como ela entrou” (Luiza)

“[...] a polícia às vezes levava pra internar.” (Luiza)

A transformação interior reflete no exterior.

“a unha, quando ela chegou lá, isso aqui da unha dela vivia ferido de roer unha. Hoje eu olho ela com aquelas unhas lindas, maravilhosas, tudo bordadinha.”
(Luiza)

4.3.4 O brincar como estratégia para enfrentamento da dor (O lugar do lúdico)

Nos primeiros encontros do grupo, ainda não havia as brincadeiras. Elas se reuniam para compartilhar os problemas, muitas vezes experimentados por outras integrantes. Nessa ocasião, elas também faziam os trabalhos manuais, como bordados, fuxicos, tapetes, etc. Quando iniciam o trabalho de expressão corporal, nasce o desejo de voltar a brincar.

“Sempre às sextas as meninas falavam assim: ‘Oh, gente, a gente podia brincar!’. Aí a gente começou a fazer brincadeira infantil” (Luiza)

Se, quando elas se dedicavam aos trabalhos manuais, a fundadora tinha a sensação de que elas continuavam a trabalhar, as brincadeiras surgem como algo lúdico e completamente diferente daquilo que elas estavam acostumadas a fazer. De acordo com o perfil das mulheres que fazem parte do grupo, muitas não tiveram infância, foram privadas de brincar quando eram crianças, pois muito cedo ingressaram no mundo do trabalho.

Pensando nesse perfil, surpreendi-me com o relato das entrevistadas ao contar sobre a infância, que, ao contrário do que eu imaginava, tinha sido muito aproveitada, com muitas brincadeiras.

“Minha infância era maravilhosa, de brincar, subir nas árvores, de gangorar no cipó, brincar de roda.” (Madalena)

“Uma infância maravilhosa, brincando pela rua... não tinha luz da Cemig, tinha horário pra gente brincar na rua” (Marina)

As tarefas domésticas existiam, mas, após a realização dessas, a brincadeira era permitida. Como a família não tinha muitos recursos financeiros para comprar brinquedos, estes eram construídos com muita criatividade, com os materiais disponíveis. Qualquer objeto servia para soltar a imaginação e criar brincadeiras diversas.

“Fazia fazendinha, fazia a cerca assim com madeirinha igual na fazenda. Fazia boizinho, fazia cachorrinho, gatinho, pegava chuchu, essas frutinhas tudo e ia colocando os pauzinho e ia fazendo os bichinhos e montava a fazenda” (Madalena)

“Era a gente que construía nossos brinquedos. A gente fazia bonecas, os meninos faziam seus carrinhos com latinhas, com essas coisas. [...] criava alguma coisa”. (Luiza)

“Ela ensinava pra gente a fazer boneca de pano, a nossa professora ensinava pra gente a fazer boneca de pano, a gente desfiava aqueles tecidos o cabelo ficava encaracoladinho, fazia cabelos tipo afro [...]” (Madalena)

“Chegava em casa e mostrava pro meu pai; ele xingava: ‘Vocês foram lá pra aprender a ler.’” (Madalena)

Hoje elas resgatam brincadeiras que marcaram sua infância.

“brincar de cobra, rouba bandeira, passa-anel, coelhinho entrar na toca, daquelas brincadeiras infantil” (Marina)

Brincadeiras que “não existem” mais na atualidade. As meninas querem, com seu trabalho, *“resgatar essas brincadeiras que hoje não existe mais”* (Marina). Em uma apresentação para crianças da rede municipal de educação, na qual estive presente, realizada no Parque Municipal de Belo Horizonte, elas brincaram com as crianças na segunda parte do show. Notei que muitas crianças não se sentiam à vontade com as brincadeiras, era algo estranho no universo delas. As Meninas de Sinhá, em contrapartida, pareciam se divertir muito com as brincadeiras. Brincavam sozinhas quando as crianças não queriam participar. Em outra apresentação, em uma escola infantil, antes do início, uma das integrantes me disse: *“com esse tanto de brinquedo, as crianças não assistem, a apresentação é para os pais”* (sic). Ela se referia a alguns brinquedos que foram colocados na escola, como pula-pula.

Com as brincadeiras, surgem as cantigas de roda, ou seja, o “brincar de roda”. A fundadora viu nessa brincadeira a possibilidade de conquistar as meninas, já que muitas vinham do interior, onde brincavam muito de roda. *“Gente, eu vou pegar essas mulheres é por essa roda.[...] Lá pra aqueles lados do Vale do Jequitinhonha, lá brinca muito de roda.”* (Luiza)

Brincadeira, nesse contexto, aparece como uma oposição ao trabalho. No caso delas, em oposição a um trabalho doméstico visto muitas vezes como uma obrigação sem valor.

Vale lembrar que, antes das brincadeiras e das cantigas de roda, o grupo ainda não era denominado Meninas de Sinhá. Com essas transformações, inúmeras portas se abrem para o grupo, que passou a ser convidado para se apresentar em inúmeros eventos.

4.3.5 O processo de lembrar

Com as brincadeiras, nasceu também o desejo de resgatar as cantigas da infância. Munidas de gravador, elas construíram uma apostila com cantigas que conseguiram reunir, fruto da própria lembrança e da memória de pessoas mais velhas que elas, que contribuíram com a iniciativa.

“[...] o para casa de vocês pra sexta-feira é lembrar uma música da infância e trazer” (Luiza)

“[...] elas gravavam musiquinhas, os versos.” (Luiza)

4.3.6 Reconhecimento

A participação no grupo possibilita às integrantes um espaço diferente daquele que elas ocupavam até então. Habitadas ao anonimato do trabalho doméstico, descobrem com o grupo a valorização do trabalho que realizam. O reconhecimento contribui para a transformação das donas de casa em artistas.

“o Alto Vera Cruz é apaixonado por Meninas de Sinhá” (Luiza)

A primeira vez que se apresentaram em público tiveram medo da reação da plateia.

“Tanta menina bonita lá em cima, vai subir essas velhas. Eles vão vaiar a gente.” (Luiza)

“O pessoal começou a sentir valorizado” (Madalena)

Depois dessa apresentação, foram surgindo outras, e novos convites para participar de shows, viajar pelo país se apresentando com nomes conhecidos da música popular brasileira, gravar CDs, participar de filmes, etc.

4.3.7. Nova velhice

As mulheres estavam convencidas de que, com a velhice, já não tinham mais possibilidades. Acreditavam que o único compromisso que tinham era cuidar da casa, do marido e dos filhos, e se esqueciam de si mesmas. A velhice era vivida por elas como o fim da vida.

“Elas achavam assim, que ficou velha acabou.” (Luiza)

“[...] foi a primeira vez que alguém viu idoso em cima do palco fazendo alguma coisa. Nunca tinha existido isso.” (Luiza)

“Aqueles velharada lá alegre” (Marina)

Antes eram vistas como velhas desocupadas pelos moradores da comunidade: *“Ah lá aquela turma de velha vagabunda...” (Madalena)*. Hoje são respeitadas por todos pelo trabalho que realizam. Descobriram que, apesar da idade, ainda tinham muitas coisas para realizar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, por meio da presente pesquisa, compreender os sentidos que o grupo Meninas de Sinhá possui para suas integrantes, investigando as transformações experimentadas a partir da entrada no grupo. Constatamos que as integrantes do grupo Meninas de Sinhá puderam transformar suas vidas a partir da experiência grupal.

Observamos que a transformação da identidade tem sido construída pelo encontro entre as mulheres, bem como pelo encontro com o público. Esses encontros com o outro propiciaram o re-encontro consigo mesmas. Se haviam se conformado em representar o papel de velhas deprimidas, frequentando o Posto de Saúde da comunidade e consumindo medicamentos, aprenderam a representar novo papel: o de artista.

Mesmo com todas as transformações – tanto na vida de cada uma daquelas mulheres, quanto no próprio caráter do grupo, que atualmente caminha para a profissionalização como grupo artístico –, as integrantes ainda fazem referência ao motivo que impulsionou a formação do grupo, ou seja, auxiliar as mulheres a vencer a depressão. O Posto de Saúde da comunidade onde vivem continua a encaminhar mulheres com quadros depressivos para participar do grupo. Neste sentido, reconhecem a importância do grupo para auxiliar no tratamento.

Os problemas com os quais convivem não desapareceram com a participação no grupo. O que se transforma é a atitude diante das adversidades da vida. As perdas continuam, as tristezas às vezes aparecem, os conflitos são inevitáveis, no entanto, o que se transformou foi a forma de conviver com esses problemas. O grupo aparece como um suporte para enfrentar as dificuldades da vida, formando uma rede de apoio.

Ao iniciar a construção do projeto, nosso desejo era o de analisar o indivíduo dentro do grupo Meninas de Sinhá, utilizando o Existencialismo como opção teórico-metodológica. Durante o desenvolvimento da pesquisa, no entanto, percebemos a importância de estudar também os processos grupais. No decorrer deste processo, vi-me diante de escolhas difíceis, como abrir mão das opções teórico-metodológicas que havia feito no início, para a construção do projeto. Com essas escolhas, acabei

descobrimo novos caminhos, que acabaram contribuindo para nossa aprendizagem e para a construção desta dissertação.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos a revisão bibliográfica, entrevistas, observação e registro dos encontros por meio de fotografias. O objetivo inicial, de trabalhar nesta dissertação com a história de vida de duas integrantes do Grupo Meninas de Sinhá – a da integrante com o menor tempo de participação no grupo e a integrante com o maior tempo de participação –, não se concretizou. A dinâmica do campo de pesquisa trouxe algumas dificuldades à realização dessa estratégia, levando-nos a utilizar a entrevista semiestruturada com a segunda participante, pois optamos por manter o critério de escolha dos sujeitos, que seria utilizado na história de vida.

As entrevistas realizadas buscaram investigar quais foram as transformações possibilitadas a partir da participação no grupo Meninas de Sinhá. Como o objetivo inicial era o de trabalhar com história de vida, as primeiras entrevistas foram abertas, objetivando compreender o grupo na história de vida da integrante.

Utilizamos a análise de conteúdo para analisar as narrativas coletadas. As categorias construídas a partir das narrativas coletadas apontam a importância do grupo para suas integrantes. Destacamos a seguir as categorias construídas: mito fundador do grupo; o grupo como espaço terapêutico; o grupo na história das mulheres e as mulheres na história do grupo; o brincar como estratégia para enfrentamento da dor; o processo de lembrar; reconhecimento; e quebrando paradigmas.

Dentre as categorias construídas, destacamos “o mito fundador”, na qual verificamos que, apesar das inúmeras transformações vivenciadas pelo grupo, este continua, de alguma forma, preso ao motivo inicial que levou a sua formação (criado para que mulheres deprimidas pudessem vencer esse quadro e abandonar a medicação). Nas apresentações públicas, a fundadora do grupo o apresenta dessa forma, e as participantes possuem um discurso parecido, mesmo aquelas que entraram no grupo por outros motivos.

A identidade se transformou e o sentido de vida também. O encontro possibilitado pelo grupo assume nessa trama papel fundamental, ao possibilitar o compartilhar do sofrimento e, mais que isso, o deparar-se com o sofrimento do outro e redescobrir em conjunto novas formas de conviver e superar esse sofrimento.

Como foi dito por uma das entrevistadas, os problemas continuam, nem todos puderam ser solucionados. No entanto, a forma como essas mulheres encaram seus problemas sofreu imensa transformação. Se antes de participarem do grupo viviam uma vida esvaziada de sentido, marcada pelo abandono, solidão, sofrimento e falta de perspectivas, a entrada no grupo possibilita novos projetos. Redescobrem a vida. Abrem-se para novos aprendizados. Aprendem a tocar instrumentos, voltam à escola, passam a cuidar mais de si mesmas.

Destacamos, nesta análise, as mudanças ocorridas no grupo Meninas de Sinhá no decorrer de sua história. Se, a princípio, o grupo surge para “combater” uma ameaça comum, ele vai ganhando novos contornos com o passar do tempo. O que vemos hoje é uma crescente profissionalização. A fundadora do grupo destaca a angústia como ponto de partida para o surgimento do grupo. Pensando na angústia como um elemento que mobilizou as integrantes a se reunirem e iniciarem um novo projeto, que possibilitou várias mudanças em suas vidas, podemos traçar um paralelo com o que Sartre denomina necessidade ou ameaça comum, elemento mobilizador, em sua teoria, para que os indivíduos se agrupem.

A angústia serviu para mobilizá-las a se reunirem, podendo ser considerada no início uma angústia patológica. Hoje podemos dizer que a angústia que mobiliza essas mulheres é existencial, e impulsiona cada uma delas para novos projetos.

A formação do grupo traz inúmeras transformações no cotidiano das mulheres: tornam-se responsáveis por suas vidas de uma forma completamente diferente do que acontecia até então. Se as atribuições do dia a dia as afastavam de si mesmas, o trabalho no grupo parece possibilitar uma reaproximação, um reencontro, assumindo assim o compromisso de fazerem novas escolhas, que modificarão completamente o panorama da vida que levavam. Abandonam o rótulo de deprimidas para se assumirem como artistas.

O grupo como processo continuará a enfrentar desafios. Entre eles, destacamos a condição de ser agora um grupo artístico. Esse novo caminho pode levar à perda do caráter lúdico e também terapêutico que o grupo possui. Ao centrar-se nas apresentações e no lado comercial, o grupo corre o risco de perder sua essência. Fica o desafio de continuar se transformando, sem, contudo, perder aquilo que serviu de elemento transformador na vida dessas mulheres.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Newton Garcia de. **Algumas Considerações a Respeito do Tempo Vivido**. Caderno de Psicologia. Belo Horizonte. P. 5 a 25, outubro, 1984.

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Trabalho e reconhecimento em Hegel. In: FERREIRA, Mario César et al. (Org.). **Dominação e resistência no contexto trabalho-saúde**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011 (Coleção Academack; 9).

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977

BEAUFRET, Jean. **Introdução às Filosofias da Existência: De Kierkegaard a Heidegger**. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

BETTONI, Rogério Andrade . Formação dos Grupos Sociais em Sartre. In: **Metavnoia**. 2002.n.4,p.67-75. Disponível em: www.funrei.br/publicações Acesso em 08/06/2012.

BONI, Paulo César ; MORESCHI, Bruna Maria. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Disponível em http://www.doc.ubi.pt/03/artigo_paulo_cesar_boni.pdf. Acesso em 04 julho 2011

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1994

BOSS, Medard. **Angústia, Culpa e Libertação**. São Paulo, Duas Cidades, 1975.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Cortez & Moraes. 1979

CIAMPA, Antonio da Costa; **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CIAMPA, Antonio da Costa; **Identidade**. In CODO, Wanderley. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989.

CORDEIRO, Valdete; GOMIDE, Adriana Dias. O sentido do viver criativo: reflexões sobre a trajetória de vida da líder Valdete Cordeiro, do Alto Vera Cruz. In: **Psicologia Social – articulando saberes e fazeres**. Organizado por Claudia Mayorga e Marco Aurélio Máximo Prado. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: história de grandes temas**. São Paulo: Saraiva, 2002.

CRITELLI, Dulce Mára. **Análítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DUVEEN, Gerard. A construção da alteridade In: ARRUDA, Angela (org). **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. **A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológicos-existenciais**. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita, 2011.

FEIJOO, Ana Maria Lopes Calvo de. **A escuta e a fala em psicoterapia: Uma proposta fenomenológico-existencial**. Rio de Janeiro: IFEN, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira [et.al.]. **Histórias de Meninas: Meninas de Sinhá**. Belo Horizonte: Duo Editorial, 2010.

GIL, Thaís Nogueira. Meninas de Sinhá: **A reinvenção da vida nas tramas do discurso musical**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

GIOVANETTI, José Paulo. **Angústia existencial nos tempos atuais**. In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Angústia e Psicoterapia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GUARESCHI, Pedrinho. **Alteridade e relação: uma perspectiva crítica**. In: ARRUDA, Angela (org). **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998/2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Identidade e Diferença**. In **Os Pensadores**. Editora Nova Cultural, SP, 1999.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativo direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Editora Universitária São Francisco, 2010.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.

LANE, Silvia T. Maurer (org). CODO, Wanderley **Psicologia Social: o homem em movimento**. 1ª edição 1984, 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é Psicologia social**. 1ª edição 1981, 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LAPASSADE, Georges. **Grupos Organizações e Instituições**. RJ: F.Alves: 1977. p.227-263.

MAY, Rollo. **A descoberta do Ser: Estudos sobre a Psicologia Existencial**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MORAES, Roque. **Análise de Conteúdo** In Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. **Serviço Social em Revista**, v.1, n.1, p.135-148. Londrina, 1999.

PERDIGÃO, Paulo. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PROTASIO, Myriam Moreira. Contribuições kierkegaardianas para a compreensão do adoecimento psíquico. In FEIJOO, Ana Maria Calvo de. **I Simpósio de Psicologia Fenomenológico-Existencial**. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, 2008.

RATTON, Helvécio. **Uma onda no ar**. Quimera Produções. Brasil, 2002. 1 vídeo disco (92 min).

RODRIGUES, Joelson Tavares; SÁ, Roberto Novaes. A questão do sujeito e do intimismo em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica. In: FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de (org). **Interpretações Fenomenológico-Existenciais para o Sofrimento Psíquico na Atualidade**. Rio de Janeiro: GdN Ed., 2008.

ROMERO, Emílio. **O Inquilino do Imaginário: formas de alienação e psicopatologia**. São Paulo: Lemos Editorial, 2001.

SAPIENZA, Bilê Tatit. **Do desabrigo à confiança: Daseinsanalyse e terapia**. São Paulo: Escuta, 2007.

SOLBERG, Helena. **Vida de Menina**. Brasil, 2004. 1 vídeo disco (101 min).

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosangela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista Esc. Enfermagem USP**, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em: 26 julho 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada – Ensaio de Ontologia fenomenológica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOLOMON, Andrew. **O demônio do meio dia: Uma anatomia da depressão**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

TILLICH, Paul. **Coragem de Ser**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S.A. 1972.

APÊNDICE A – FOTOS DO GRUPO MENINAS DE SINHÁ

Figura 3 - Apresentação no Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 4 - Apresentação no Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 5 - Apresentação em Escola Municipal



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 6 - Apresentação no Parque Municipal de Belo Horizonte



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 7 - Ensaio no Centro Comunitário da Comunidade



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 8 - Ensaio no Centro Cultural



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 9 - Momentos antes da apresentação na Escola Municipal



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 10 - Expressão Corporal realizada na Praça do Posto de Saúde do Alto Vera Cruz



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 11 - Apresentação na Escola



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 12 – Brincadeira de roda



Fonte: Arquivo Pessoal

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Roteiro de Entrevista

Nome fictício:

Idade:

Tempo de participação no grupo:

1. Como o grupo Meninas de Sinhá entrou na sua vida?
2. Quais os motivos que te levaram a procurar o grupo?
3. Qual a importância do grupo em sua vida?
4. Como sua família reagiu à sua entrada no grupo?
5. Como você descreveria sua relação com as outras integrantes do grupo?
6. Você percebeu alguma mudança em sua vida após sua entrada no grupo?
7. Quais as atividades realizadas pelo grupo?
8. Quais as dificuldades enfrentadas pelo grupo atualmente?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS
GERAIS Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação Comitê de Ética em
Pesquisa - CEP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE – 0356.0.213.000-11

Título do Projeto: MENINAS DE SINHÁ: OS SENTIDOS DO GRUPO NA HISTÓRIA DE VIDA DE SUAS INTEGRANTES

Prezado Sr(a),

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa que estudará os sentidos do grupo Meninas de Sinhá na história de vida de suas integrantes.

Você foi selecionada porque participa do grupo Meninas de Sinhá. A sua participação nesse estudo consiste em conceder entrevista sobre sua participação no grupo. A entrevista será gravada para posterior transcrição. As entrevistas serão utilizadas somente nesta pesquisa, sendo o material guardado pela pesquisadora até o término da dissertação de mestrado. As entrevistas serão apagadas após o término da pesquisa.

Sua participação é muito importante e voluntária. Você não terá nenhum gasto e também não receberá nenhum pagamento por participar desse estudo.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você poderá se recusar a participar ou a responder algumas das questões a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Não se encontra na literatura descrição de risco ou desconforto na realização de entrevistas de história de vida. No entanto, caso os relatos suscitem estados de sofrimento emocional será disponibilizada a Clínica de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais do Campus Coração Eucarístico.

Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir como espaço de reflexão e afirmação do próprio grupo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Samira Maria Clemente Caldeira – Avenida Itaú, 525 – Prédio Redentoristas – sala 105 – Dom Cabral – Telefone (31) 9814-2772.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Maria Beatriz Rios Ricci, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone 3319-4517 ou email cep.proppg@pucminas.br.

Belo Horizonte, ___ de _____ de 20__.

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Obrigado pela sua colaboração e por merecer sua confiança.

SAMIRA MARIA CLEMENTE CALDEIRA

Data

ANEXO 1 - CÓPIA DA CARTA DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS
GERAIS Pró-Reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação Comitê de Ética em
Pesquisa - CEP

Belo Horizonte, 26 de março de 2012

De: Profa. Cristiana Leite Carvalho
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

Para: Samira Maria Clemente Caldeira
Programa de Pós-graduação em Psicologia

Prezado (a) pesquisador (a),

O Projeto de Pesquisa CAAE – 0356.0.213.000-11 “*Meninas de Sinhá: os sentidos do grupo na história de vida de suas integrantes*” foi **aprovado** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC Minas.

Informamos que, por solicitação da CONEP/MS – Carta Circular 003/2011 –, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deverá conter rubrica do sujeito da pesquisa ou seu representante (se for o caso) e rubrica do pesquisador responsável em todas as folhas, além das assinaturas na última página do referido Termo.

Atenciosamente,

Profa. Cristiana Leite Carvalho

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa

Av. Dom José Gaspar, 500 – Prédio 03, 2º andar – Fone: 3319.4517 – Fax: 3319-4517

CEP 30.535.610 – Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil